Para-Todos...

ANNO XLIII
NUM. 666
19 SETEMBRO
1931

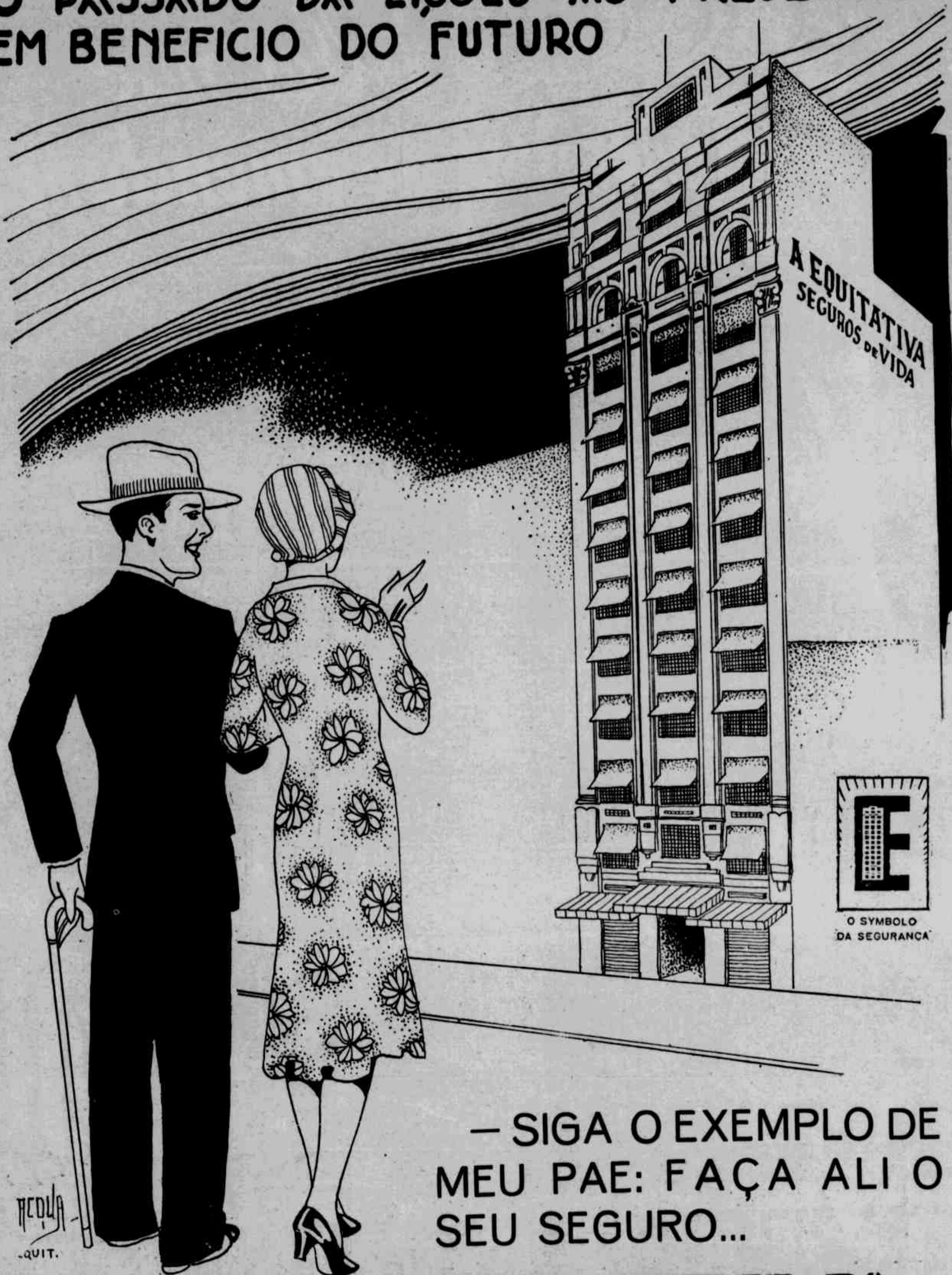
UM MOMENTO DIFFICIL

— O senhor póde-me fazer um favor, seu Evaristo?
— Pois não, minha senhora.
— E' guardar num bolso essa cabeça e esse rabinho de camarão que eu não sei onde atirar.

Elles não se emendam!

— Onde se viu um homem deixar de fumar? Não perca tempo, minha senhora, em procurar persuadir seu marido de que deve abandonar o cigarro. Tanto o protesto irritado como a exhortação carinhosa de V. Ex. são perfeitamente inuteis. O que resta fazer é corrigir os inconvenientes do fumo, dos quaes os mais flagrantes são a tosse de garganta e aquelle pigarro antipathico... Tenha sempre em casa um vidro de BROMIL. Faça seu marido tomal-o pela manhã e á noite e deixal-o fumar á vontade.

O Bromil é o melhor remedio do mundo para a tosse. A tosse sabe disto: quando o Bromil chega, a tosse se retira, modesta e discretamente...

TOSSE ? BROMIL

A EQUITATIVA

SOCIEDADE DE SEGUROS SOBRE A VIDA

SEDE SOCIAL: AV. RIO BRANCO, 125

COCK TAIL

PASSEIO DE NUPCIAS

Elle — O que é que você prefere? Cinema ou média com pão petropolis e queijo?

OS DOIS HOMENS CELEBRES

Ao tempo em que o actor americano Raymond Hitchcock brilhava em New York no seu apogeu, o comediante londrino Eddie Foy surgiu lá em "tournée". E desde as primeiras representações, obteve tambem um grande exito. Passando certa manhã pelo Daly's Theater, onde trabalhava o rival, Foy parou para olhar as photographias de Hitchcock expostas na entrada

Debaixo das photographias, recortes de jornaes contavam maravilhas do artista. Foy leu tudo com um sorriso divertido. Quando acabou de ler, viu perto um homem que tambem lia, e poz-se a conversar com elle:

— Está lendo? — indagou em ar de troça.

— Sim, senhor... — respondeu o outro, piscando um olho camarada.

— E que tal?

— Direito.

— Hitchcock é tão bom assim?

— Bom? E' o melhor do mundo. Um mestre!

— Exaggero...

— O mestre dos mestres! O segundo, depois delle, não lhe chega aos calcanhares!

— Ora... Então Hitchcock é superior a Foy?

— Foy! Que vem fazer Foy, aqui? Não são da mesma classe. Hitchcock é um astro! Uma pessoa que comprehende, que comprehende e que sente, não póde comparal-os. Palavra de honra que a sua pergunta me escandalisa.

Eddie Foy aprumou-se, ergueu bem alto a cabeça e disse esmagadoramente:

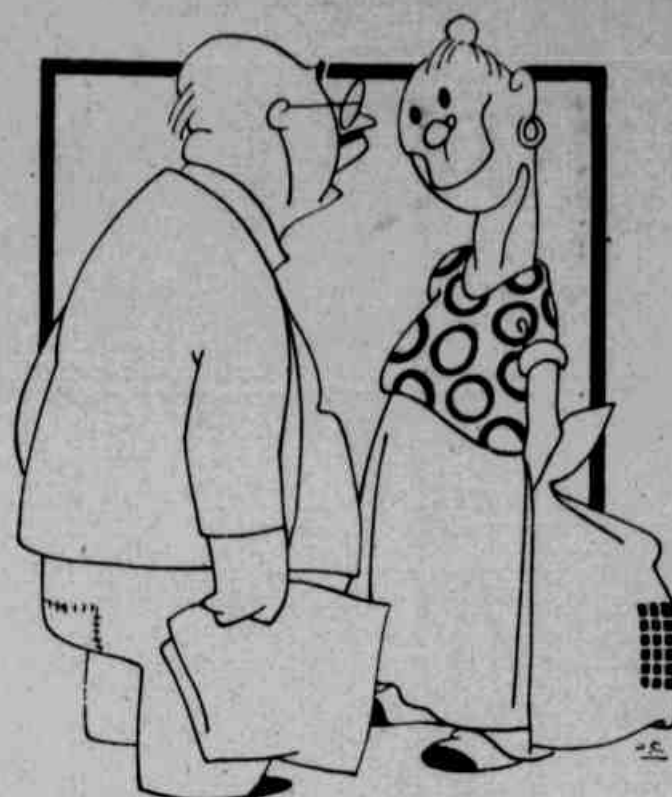
— Eu sou Foy!

— Já sabia... Desculpe... Eu sou Hitchcock...

DE MARCEL PROUST

E' sempre por causa de um estado de espirito destinado a não durar, que a gente toma resoluções definitivas.

NOSSOS AMIGOS MACACOS

O ultimo artigo de Bernard Shaw está assignado: "Consul Junior. Casa dos Macacos, Jardim Zoologico de Londres". E' uma defesa calorosa dos macacos contra as experiencias dos medicos. Diz, por exemplo: "O homem continúa sendo o que sempre foi: o mais cruel dos animaes, o mais escandalosamente e o mais infernalmente sensual. Que elle não se lamente da sua parecença commosco: será sempre o que é, apesar dos esforços que faz para tornar-se um macaco respeitavel".

PALAVRAS DIFFICEIS

Elle — Tudo muito mal, D. Christina. Falta de numerario, oscillações cambiaes, queda de titulos, retrahimento absoluto...

Ella — Não será dos intestinos, "seu" Guimarães?

CRISE

Dizem que o theatro tambem soffre da crise espalhada no mundo inteiro. Mas, em Paris, o producto do imposto sobre as casas de espectaculos rendeu nos primeiros seis mezes deste anno cerca de sessenta milhões de francos.

Boa crise...

BIBLIOTHECAS

Conforme uma lista publicada pelo "Courrier du Livre", o numero de volumes que possuem as principaes bibliothecas do mundo é o seguinte:

Paris (Bibliothèque Nationale) 3.732.319; Washington (U. S. A. L. of Congress) 2.948.789; New York (Public Library) 2.748.606; Londres (Britsh Museum Library) 2.869.378; Cambridge (Harvard University) 2.637.104; Gravenhaye (Paizes Baixos) 2.717.431; Berlim (Preussische Staatbibliothek) 2.041.128; Munich (Bayerische bibliothek) 1.946.257.

Para todos...

RUA DO OUVIDOR, 181, 1º ANDAR

Propriedade e direcção de ALVARO MOREYRA e J. CARLOS

Gerente: MARIO ACHÉ CORDEIRO

A VOZ DA EXPERIENCIA

Ninguem póde saber tudo, minha filha. A experiencia e sem duvida a melhor mestra do mundo, mas não ha necessidade de apprenderes todas as lições da vida por experiencia propria. Apprende, assim, com a minha experiencia, que deves tomar com confiança

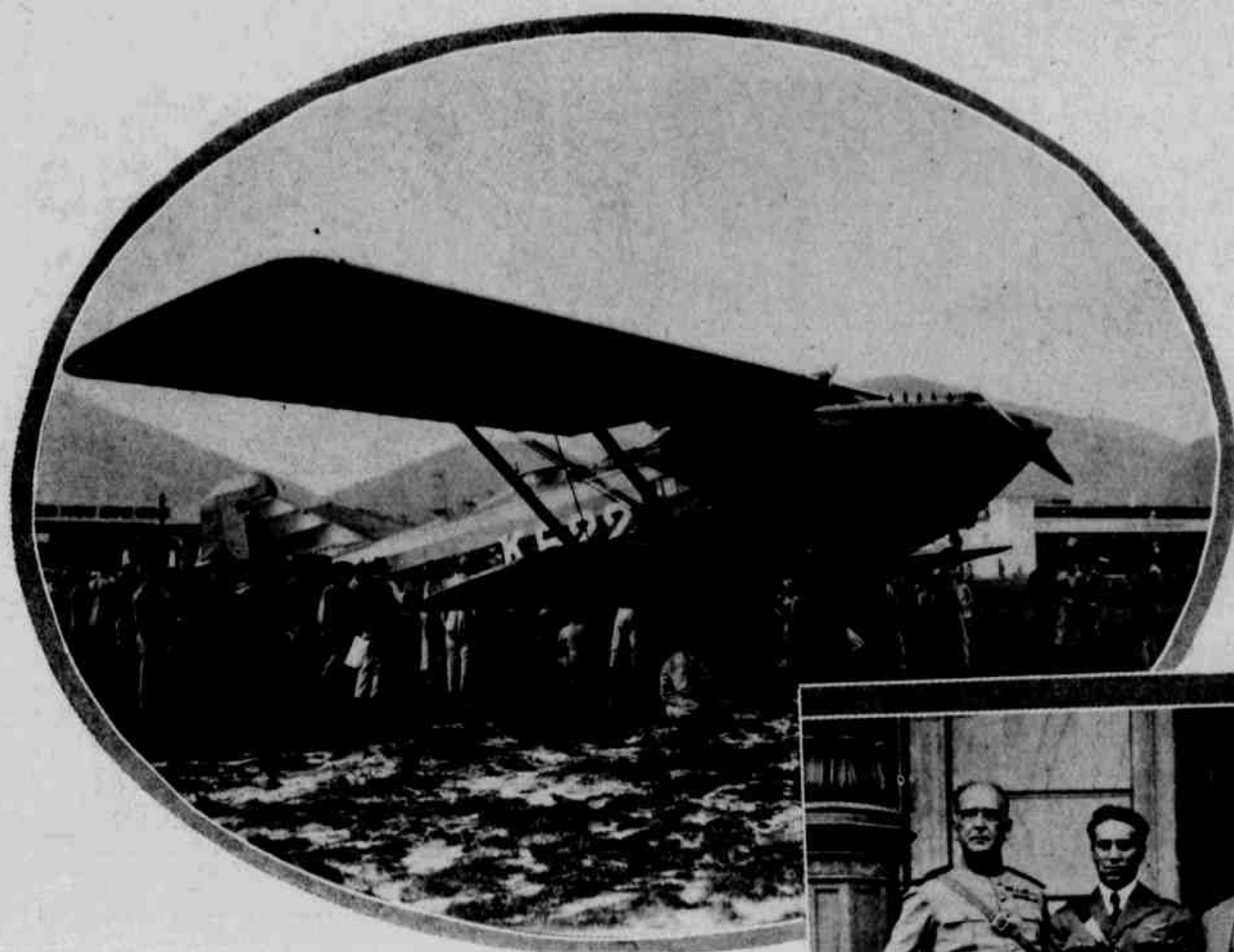
A Saude da Mulher

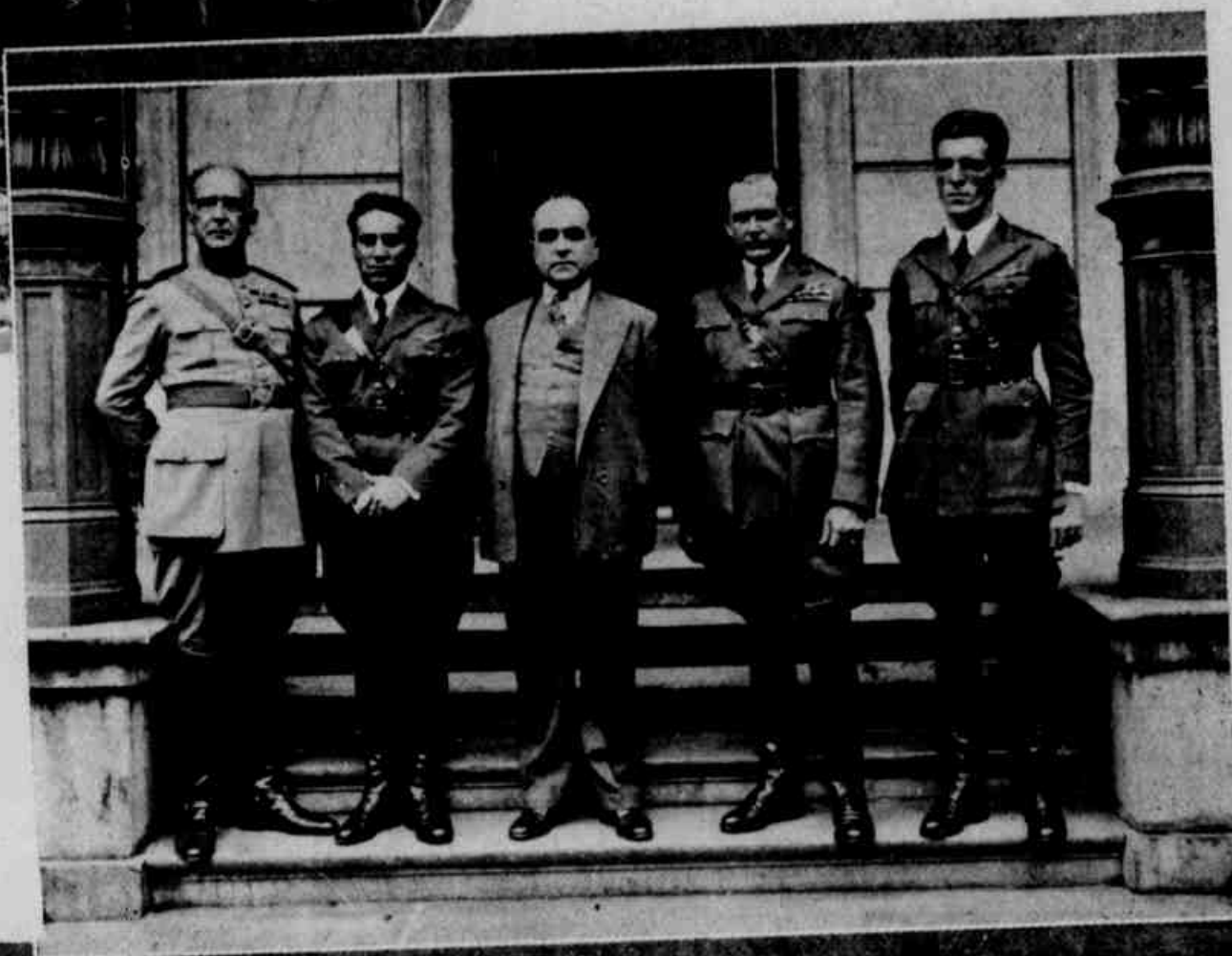
o melhor remedio para Incommodos de Senhoras

porque como nenhum outro, regularisa, acalma e estimula as funcções uterinas.

As Mocinhas, as *Senhoras*, mesmo as *Senhoras de mais edade* (de 40 a 50 annos) têm n' "A Saude da Mulher" um medicamento poderoso e seguro para combater as Flores-Brancas, as Suspensões, as Colicas Uterinas, as Regras Demasiadas e as demais doenças do Utero e dos Ovarios.

Para-Todos...

RIO
19
IX
1931

Confraternisação Americana

A PARTIDA do avião "Duque de Caxias", do Exercito Brasileiro, que levantou vôo no dia 11, do Campo dos Affonsos, num "raid" por toda a America Latina, levou até lá altas autoridades, diplomatas e grande multidão. O Ministro da Guerra dissè em rapidas e bellas palavras a significação do feito que iam iniciar os aviadores nossos patricios.

Em cima: o "Duque de Caxias", prompto para subir.

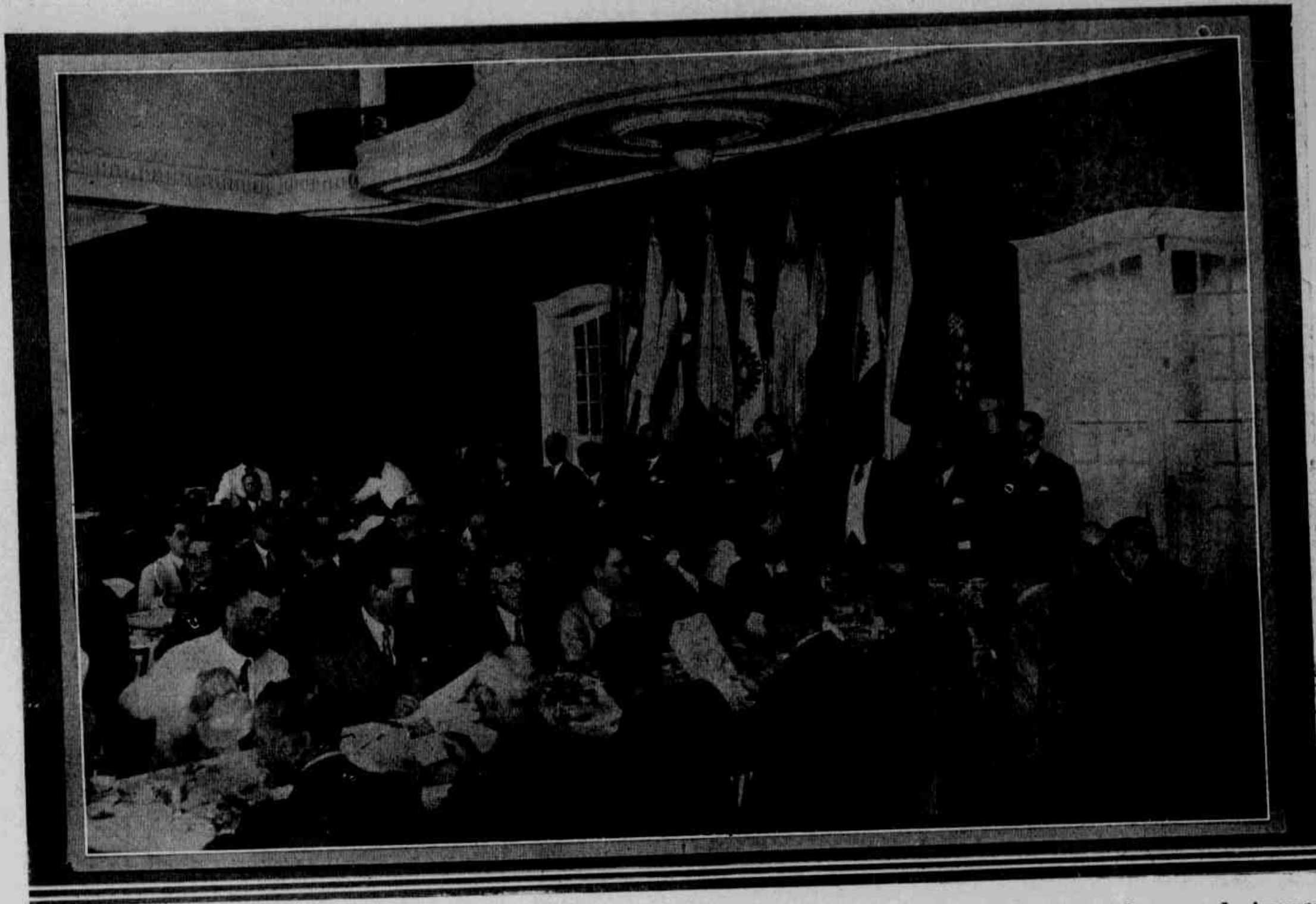
No meio: o Presidente Getulio Vargas com o Ministro Leite de Castro e os tres aviadores: Capitão Archimedes Cordeiro e Tenentes Godofredo Vidal e Assis Corrêa de Mello.

Em baixo: um minuto antes da partida.

No salão da Associação de Imprensa em 10 deste mez, antes da sessão commemorativa do Dia do Jornalista.

Dia do Jornalista

NO almoço que o Rotary Club offereceu á Imprensa, o Senhor Rodrigo Octavio Filho, que o presidiu, falou assim:

"Sr. presidente da Associação Brasileira de Imprensa. Meus senhores. O Rotary Clab do Rio de Janeiro, procurando reunir em torno de sua mesa as figuras mais representativas da imprensa diaria desta capital, quiz prestar uma merecida homenagem a todos aquelles que, com a intelligencia e com a penna, procuram orientar a evolução politica, social e intellectual do paiz, mostrando as largas estradas por onde poderá seguir, norteado sempre pelas lições de um passado de incontestavel liberalismo. Justas foram as commemorações hontem realizadas. E justo é o orgulho daquelles que, alvo de homenagens, representam as tradições de uma imprensa, cuja historia se acha irmanada, por laços indestructiveis, á propria historia da nacionalidade. Realmente, se attentarmos com a influencia e com a importancia da acção jornalistica brasileira, a contar de alguns annos antes da proclamação da independencia até os dias que correm, não é possivel deixar de reconhecer ter sido ella o factor primordial da solução mais rapida dos problemas sociaes e politicos, que marcam as etapas historicas do Brasil independente. O dia da imprensa procura lembrar o apparecimento do primeiro jornal brasileiro, — **A Gazeta do Rio de Janeiro** — cujo primeiro numero circulou nesta cidade no dia 10 de setembro de 1808, vivendo até o anno de 1822. Foi seu redactor frei Tiburcio José da Rocha, jornalista sem grande imaginação, e que deu ao seu jornal feitio por tal forma monotono, que levou o historiador inglez Armitage, que com tanto carinho se occupou de nossa historia, a dizer que se se fosse julgar o Brasil pelo seu unico periodico, devia elle ser considerado como um verdadeiro paraiso terrestre. Realmente, o caracter officioso da **Gazeta** justificava bem taes conceitos, os quaes não mais sairiam da penna do velho historiador, se, resuscitado, presenciasse a vivacidade e nervosidade da nossa imprensa de hoje. O que é justo, porém, lembrar sempre, é a acção decisiva da imprensa em todas as phases graves de nossa vida de povo que procura aceleradamente acompanhar os passos agigantados do progresso humano. Quem poderá negar o papel dos nossos primeiros homens de imprensa, no raiar incerto de nossa vida de povo livre? Foi, sem duvida, a sua acção destemerosa e patriotica que preparou o espirito publico e apressou os factos historicos de 1822. E quando depois da abdicação de D. Pedro I, a crise politica por pouco derrocava as instituições e desmembrava o Brasil, foi ainda a imprensa, quem, pela voz de seus grandes trabalhadores, orientou a opinião publica, permittindo que o tempo viesse tudo accommodar, tornando o Brasil imperial, unido, forte e respeitado. E o que accelerou a abolição da escravatura — que era a vergonha do Brasil — e a proclamação da Republica — necessidade imperiosa e fatal para que o Brasil continuasse sua marcha ascensional, segundo o rythmo dos seus ideaes politicos — senão a acção violenta e persistente, tenaz e intelligente daquelles que diariamente, pela imprensa, empregavam todo o seu esforço, todo o seu sentimento e todo o seu coração na propaganda e na defesa dos mais caros ideaes da nacionalidade? Não é este o momento de se fazer o historico da imprensa do Brasil. Lembrar, porém, no pouco tempo de que dispomos, algumas das passagens mais accentuadas dessa historia, é cousa que apraz ao nosso sentimento brasileiro. Foi por decreto de 13 de maio de 1808,

Um aspecto do almoço que o Rotary Club offereceu aos homens de imprensa, festejando o Dia do Jornalista.

Dez de Setembro

que o bom rei D. João VI, havia pouco chegado ao Brasil com sua côrte, creou a **Impressão Regia**, com os prelos e typos que trouxera de Portugal. E foi da **Impressão Regia**, que em 1821 passou a chamar-se **Typographia Real**, que sahiu a **Gazeta do Rio de Janeiro** e, posteriormente, **O Jornal dos Annuncios, O Amigo do Rei e da Nação, O Conciliador do Reino Unido, O Despertar do Brasil, A Sabbatina Familiar dos Amigos do Bem Commum** e o **Diario do Rio de Janeiro** (1821), jornal que viveu até 1878, e no qual collaboraram fartamente grandes nomes do jornalismo e da literatura nacionaes, como José de Alencar, Machado de Assis, Quintino Bocayuva e muitos outros. Seria longo ennumerar o grande numero de jornaes que appareceram nos primeiros annos que se seguiram á nossa independencia, não podendo porém ser esquecido, o apparecimento em 1826 do **Espectador Brasileiro**, editado por Emile Blanchet, transformado em 1º de outubro de 1827 no actual **Jornal do Commercio**, que honra com sua existencia de mais de seculo as tradições da boa imprensa brasileira. A acção politica do **Reverbero** e a opposição feita pelo **Tamoyo** e **Sentinella** ao poder pessoal de D. Pedro I, foram incontestavelmente os elementos preponderantes para a dissolução da Assembléa Constitucional e consequente prisão e exilio dos grandes Andradas. Mas a figura que deve ser evocada como a do paradigma do jornalista perfeito é a de Evaristo da Veiga, que, como redactor da **Aurora Fluminense**, levou, pela argumentação intelligente em que era inegualavel, a opinião publica a exigir a abdicação do primeiro imperador. A **Aurora Fluminense**, sob a direcção de Evaristo da Veiga, patriota que foi um dos mais efficazes paladinos de nossa independencia, representou papel preponderante em todos os grandes acontecimentos politicos do primeiro imperio e da regencia.

A energia foi sempre a acção da imprensa no Brasil, a qual chegou ao apogeu na campanha da abolição, que immortalizou os nomes de Ferreira de Menezes e José do Patrocinio, cujas pennas formidaveis estiveram sempre ao serviço da grande causa. E durante os ultimos annos do Imperio, a acção jornalistica de Quintino Bocayuva, Ruy Barbosa e outros, foi a alavanca que derrubou a monarchia e preparou o advento republicano. Por todos esses motivos, meus senhoras, como hontem ainda lembrava um dos jornaes desta cidade, em magistral esboço historico sobre a evolução do jornalismo nacional, a passagem do **Dia da Imprensa** "justificaria um longo e minucioso inquerito á poderosa, decisiva actuação do jornalismo nas directrizes fundamentaes e na projecção historica da sociedade brasileira" (**Correio da Manhã**, de 10 de setembro de 1931). Senhores jornalistas. Em nome do Rotary Club do Rio de Janeiro e interpretando não apenas os nossos sentimentos, mas certamente o modo de pensar do Brasil inteiro, faço votos para que da união patriotica da grande familia dos homens de imprensa, surja, quanto antes, para a tranquillidade e felicidade de nossa querida terra, com o tradicional vigor que acabo de reviver, a grande campanha que o grave momento nacional está a exigir de vós: a campanha pela educação e instrucção do povo brasileiro. Só a vossa força persistente poderá conseguir o milagre. O analphabetismo é a molestia que nos está definhando. E' preciso combatel-o. E combatendo e propagando a educação do povo, a imprensa brasileira continuará mantendo a grande altura as suas gloriosas tradições de patriotismo.

No Curso Nicia Silva

Photographia tomada durante um ensaio do espectaculo que se realizará em Outubro, no Theatro Municipal. Nicia Silva ao centro. Na extremidade esquerda, Gilda Abreu. E com ellas: Lais Wallace, Iracema Barbosa, Stella de Sá Rocha, Neyde P. Guedes, Ondina Villas Boas, Ayrde U. Costa, Maria Antonia Cortez, Lucia Pires, Maria Lydia B. Silva, Sylvia Souza, Zelia Souza, Anna Guertzenstein, Maria Amelia Pedrosa, Odette Peixoto, Iris Rosa, Judith P. Gonçalves, Maria Clara Jacome, Yolanda França, Vera Teixeira, Anita Rivas, Venilia Veiga, Marguerite Paul.

Hora de Arte

Na exposição de pintura de Olga Mary e Raul Pedrosa, Palace Hotel.

DE ALVARO MOREYRA

DESENHO DE LULA

PRODUCÇÃO 1931

NÃO TEM MAIS

FOI de repente, na noite de São Bartholomeu, olhando para a folhinha da fazenda, que o homem decidiu casar-se. De repente. Como um ataque, um insulto cerebral, qualquer outro insulto. Decidiu, tomou o trem, veiu até á cidade. Não tinha noiva em vista. Poz a esperança no acaso. O amor é igual ao Brasil: ninguem o descobre de propósito.

Chegou. Sete dias depois conhecia tudo, ruas, praias, morros. Estava já meio desanimado.

Uma tarde, saiu do Hotel, na rua Larga, desceu, entrou na Avenida, caminhou. Passeio Publico, Mem de Sá, Gomes Freire, Visconde do Rio Branco. Praça Tiradentes:

Este Rio é grande! Olha o tal theatro João Caetano! Rua do Theatro, Largo de São Francisco, Ouvidor:

– Quanta gente!

Dobrou a esquina de Uruguayana, cansado:

– Faz favor de dizer onde é a rua Larga ?

Sempre em frente no fim.

Obrigado.

Ainda deu uma voltinha em General Camara, por causa de uma carroça. E viu numa porta um letreiro:

AGENCIA
DE
INFORMAÇÕES
2.º andar

— Homem! disto é que eu preciso!

Subiu. Bateu na porta da agencia.

– Entre.

Entrou:

—O agente está?

— Sou eu mesmo.

— E' para um casamento.

— Sente-se. Em que lhe posso ser util?

— Não vê que eu ando com vontade de me casar...

— Pois não.

- Mas, eu queria me casar com uma mulher que não se pinte, não use vestidos apertados, não bóte na cabeça esses chapeozinhos de circo, uma mulher que não faça regimen para emmagrecer. Uma mulher que não góste nem de banho de mar nem de baratinha nem tome chá dansante nem julgue que sempre tem razão. Uma mulher que não discuta, simples, bem natural, que vá para fóra commigo, viver a vida do campo.

O senhor sabe de alguma?

O agente coçou o queixo, muito, muito, pensou, pensou, respondeu:

-- E' ... agóra não é tempo.

ILLUSTRAÇÕES DE J. CARLOS

O CAMINHO PARA O SOL

TRADIÇÃO INCAICA

POR

ABRAHAM VALDELOMAR

TRADUZIDO ESPECIALMENTE POR

HERMAN LIMA

(Continuação)

HYMNO terminava com as ultimas claridades solares, e a multidão esperava que no dia seguinte o Sol lhe abriria as portas da sua cidade encantada. Porém, ao outro dia, marchavam de novo, febris, disparados, como possessos. Muitos não queriam deter-se para tomar alimento, e apenas mastigavam no caminho folhas de coca. Outros, impacientes, chegavam-se ao Curaca e perguntavam, procurando não traduzir o menor desalento:

— Taytay, chegaremos logo á mansão do Sol? Elle nos abrirá as portas da sua cidade? Elle nos defenderá contra os brancos?

E o Curaca respondia:

— O Sol nunca abandona ao seu povo. Algum peccado se commetteu no reino, para elle permittir e mandar esses animaes brancos e funestos, em castigo. Ah! Atahualpa! Bastardo e estrangeiro!...

Outras vezes, para distrahil-os e dar-lhes animo, depois de orar, reuniam-se formando grandes circulos de tendas improvisadas para passar a noite, rodeados pelos rebanhos, e o Curaca ou um velho nobre contava como eram os dominios do Sol. Elles ouviam encantados, e ao calor desses racontos as crianças quedavam adormecidas, e pouco a pouco os jovens e as mulheres tambem, para se erguerem na manhã seguinte cheios de novas esperanças.

O Paiz do Sol, onde iam morar e ser recebidos, era uma terra immensa, em que os homens viviam felizes, conversando diariamente com os Incas, tendo trajes maravilhosos, *chichas* desconhecidas e exquisitos manjares. Lá os fructos eram grandes e perfumados, e as mulheres mais bellas do que as recolhidas ao Cuzco. Musicas divinas invadiam os ares. Passaros de multicor belleza desferiam cantos estranhos e ternos, todas as casas eram de ouro e pedrarias fantasticas, os leitos fôfos e macios, havendo servidores diligentes e amaveis para todos. Nada faltava aos mais exigentes desejos. E tudo estava illuminado com uma luz radiante, branca como o algodão e transparente como a neve que se congela nas lagunas. A luz penetrava tudo, o corpo e a alma, os objectos e as flores, a vida, os sonhos, o amor e os desejos... Era o reino da luz, do ouro, da paz, da felicidade.

Chegaram por fim a uma collina, onde o calor começou a substituir o frio das punas. Aquillo pareceu-lhes de bom augurio, porque se o clima era mais calido devia ser ali o começo dos dominios do Sol. Assim, animosos e ferventes, caminhavam largas jornadas, a despeito do calor, descendo para as planicies.

Nas poucas aldeias que encontravam, os trajes eram diversos, as *unjus* quasi transparentes. E todas as tardes, ao crepusculo, entoavam a mesma oração e a mesma supplica:

— Oh! Sol! Oh! pae de nossos paes e senhores, não abandones o teu povo, e protege-nos contra a furia de Supay!...

Uma manhã, pela alvorada, pareceu-lhes sentir uma brisa deliciosa, e um estranho rumor apaziguado e doce. Não era um mugido de pumas, nem de multidões: era algo confuso e inintelligivel, porém suave e lento. O ruido vinha do lado do Sol e da brisa. Alguns jovens treparam a uma encosta, e ao chegar á cúspide um só grito de espanto resoou:

— Um lago! Um lago! Um lago!

Todo o povo subiu e se poz a contemplar, em meio a um surdo rumor de admiração e enthusiasmo, alguma coisa que não imaginara jamais. Uma lagoa enorme, uma lagoa sem margens, suavemente azul, distinguia-se ao longe. Era sem duvida alguma a da casa do Sol. A famosa laguna de que falara o Curaca, e para onde se encaminhava para se deitar todas as tardes o Sol.

Naquella manhã fez-se o sacrificio de seis lhamas, bebendo-se *chicha* em louvor do Inti. E a caravana seguiu a sua peregrinação interminavel para o valle fecundo que se estendia aos seus pés, deshabitado e bravio. Penetrando sob as arvores copadas e verdes, repousaram alguns dias, até que chegaram ás margens ansiadas.

O enthusiasmo do povo desappareceu subitamente. Como iriam atravessar aquelle rio immenso, para chegar onde estava o Sol? Na vespera, estavam seguros de tel-o visto occultar-se entre as aguas: era, pois, certo que, chegando ao sitio em que o viram afundar, entrariam no seu reino. Como, porém, atravessar essa laguna verde, rugidora, immensa e desconforme?

Combinaram esperar, convictos de que o Sol não os abandonaria. De um momento a outro criam ver surgir pelo horizonte alguma balsa tripulada pelos filhos do Sol, a vir buscal-os para o desejado paiz. Assim esperaram uns dias, fazendo todas as tardes sacrificios á divindade. Numa dellas, o guardião dos viveres avisou ao Curaca que as provisões não durariam mais de tres dias, sendo bom dizel-o ao Sol, para acudir presto ao seu povo.

Detidos junto á praia, os *quechuas* foram pouco a pouco entristecendo. Nenhum duvidava de que o Sol os salvaria, porém a paciencia ia-os tornando melancolicos, e elles não viam chegar os emissarios do Sol. Os dias passavam-n'os explorando as dunas, buscando alguma porta no mar, escutando o que diziam as ondas, porém nada chegava a tiral-os da sua inquietação. Ao tombar o crepusculo, iam todas á praia, avançando tanto que as ondas lhes molhavam os pés, a ver se na dourada estella vespertina apparecia algum signal da bondade solar. Mas o Sol afundava-se nas aguas, deixando o povo abandonado, esperando novamente.

Decorreram tres dias. Economisando as rações, e mandando os guerreiros á caça, puderam manter-se dois dias mais. No terceiro, foi necessario comer as aves seccas que pretendiam pulverizar para perfumar os sacrificios e as roupas do Curaca, dos nobres e sacerdotes. Sumaj poude apanhar naquelle dia um peixe vivo, levando-o a Inquill, fresco e viçoso, com o lombo prateado e os olhos redondos. Inquill, apesar da sua tristeza e extenuação, bateu palmas de alegria, pois nunca vira um animal tão bello.

Depois a fome ameaçou o povo. Na derradeira tarde, a definitiva, a invocação ao Sol fez-se em pranto. Daquella multidão crente que occupava na praia uma extensão enorme dourada pelo Sol moribundo, sahiu um choro unico, sincero e commovedor:

— Pae! Pae! Pae!... Não abandones o teu povo!... Pae, dize-nos o caminho do teu reino maravilhoso!...

Nada, porém, respondia áquelle grito de dor e desesperança, e, á medida que o Sol fugia, o pranto crescia, dominando o rugir do mar. Houve um momento, quando o Sol beijou a linha do horizonte, em que elles esperaram vel-o sahir e falar-lhes com a mesma bondade generosa com que se dirigira a Manco Cápac, e suspenderam as lamentações. Breve e indifferente, todavia, o disco enorme de ouro se engolfou no mar. Então arrojaram-se ao solo, e soluçaram inconsolaveis. Chamavam-se uns aos outros. As crianças, abraçadas aos paes, choravam com um extremo gesto estarrecido, e, por largo tempo, só se ouviram naquella praia desolada soluços e lamentos entrecortados.

Ao cahir a noite, reuniram-se o Curaca e quatro nobres, os *camayocs*, os sacerdotes e os antigos.

A lua era esplendida e tinha uma tonalidade azul transparente.

Subiram todos á duna que dominava o valle e ali discorreram largo espaço. Uns opinavam que se devia esperar ainda e ter fé no Sol. Os alimentos podiam procural-os no proprio valle, caçando nos primeiros dias, semeando e alimentando-se depois com esses peixes que saltavam entre as vagas, prateados. Outros pensavam que era melhor precipitarem-se no mar, pois, quando o Sol os visse em perigo, os salvaria.

Lembraram então os seus longinquos lares, seus roçados fecundos e florescidos, a paz da aldeia remota. Como seria melhor terem ficado lá e recebido logo a morte da mão dos estrangeiros das barbas de neve! Depois de um momento de silencio, surgiu uma voz, sob a paz da lua. Era um ancião de olhos inchados, nobre famoso, que determinava a hora e o logar das festas de Cápac Raymy, quando se aprisionava o Sol para receber a homenagem do povo. E disse:

— O Sol nos abandonou. Elle é todo poderoso e podia salvar-nos. Quem sabe se elle foi vencido em algum combate por outro deus que dizem poder mais do que elle?... Deste Sol não devemos esperar mais nada. Elle permittiu que os estrangeiros entrassem no Cuzco e destroçassem a sua imagem e a dos Imperadores, carregando as portas e os vasos de ouro, as *mascaipachas* e as plumas sagradas do Coraquenque. Deixou que o bastardo assassinasse o filho de Huayna Cápac, e que por sua vez o demonio estrangeiro matasse Atahualpa. Elle não se occupa mais comnosco, e é melhor morrer para ir buscar os Imperadores. Esses nos escutarão, e não nos abandonarão jamais. Lá encontraremos os quatro irmãos Ayar, os fundadores do Imperio, e os Imperadores seus filhos.

Sabias pareceram a todos as palavras do nobre, e exclamaram:

— Vamos em busca dos Imperadores!... Vamos!...

Toda aquella gente teve então um gesto sombrio. Baixaram os homens validos á praia, e com as armas fizeram grandes covas na areia humida. Cavavam com febril afan, emquanto os velhos iam dar ordens no acampamento dos peregrinos. Muito cedo, estava quasi todo o trabalho concluido. Faltavam apenas algumas covas,

mas ao meio dia, sob um sol iracundo, tudo terminou. Uns deviam cavar o tumulo para a mãe; outros, para a noiva; outros, para os paes decrepitos, que haviam resistido ás fadigas do exodo. Naquelle dia, ninguem disse uma palavra. Todos pensavam na ultima viagem sem temor, porém com profunda tristeza, entregando-se a solitarias meditações.

Chegou a hora do crepusculo, e o povo dispoz-se a morrer. Com muito esforço, conseguiu-se bebida sufficiente para adormecer as mulheres e as crianças.

O Curaca e um grupo de nobres, ajudados por seis jovens musculosos, se encarregariam de cobrir de terra, de um, em um, de dois, em dois ou como quizessem emprehender a viagem, os que se amavam; e, mal o céo começou a tingir-se de vermelho, iniciaram o hymno ao Sol e a sua ultima oração. Os indios se dispuzeram com todas as riquezas e trajes, adornaram-se com os ornatos melhores e desceram aos fossos escalonados. Ali sentavam-se, depois de sorver o licor para não sentirem a asphyxia da viagem, e, pouco a pouco, iam ficando entorpecidos, numa somnolencia que os anesthesiava. A terra cahia piedosamente sobre os corpos immoveis e implorantes, e em pouco o solo retomava o nivel antigo. A tarefa durou toda a tarde. Alguns, antes de baixar á sepultura, abraçavam-se e despediam-se chorando, até que a areia lhes cobria os corpos inertes.

Por fim, apenas restaram os coveiros. Inquill não quizera enterrar-se e esperava o amado, para fazel-o. Os jovens robustos foram-se enterrando u ns aos outros. Quando o rapaz deu a ultima pá de terra sobre o ultimo *quechua*, volveu os olhos para Inquill.

Por fim apenas ficaram os dois, sobre a larga extensão coberta. Sentados sobre o monticulo junto á cova aberta para a moça, dali olharam longamente o mar illimitado e verde, cujo ruido tinha caricias tragicas e roucas. Inquill, sem olhar a Sumaj, tomou-lhe as mãos e chorou sobre ellas:

— Pesado trabalho, privilegiado e triste, o dos meus musculos, que me obriga a ser o ultimo em ir aos dominios do Sol... De um em um, enterrei a todos os homens e a todas as mulheres. Já não somos senão os ultimos...

— Agora eu... — disse suavemente Inquill, sem se mover. — Enterra-me.

O indio não respondeu. Que podia responder?... Elle não podia reter a sua amada, porque era um sacrificio alongar a sua dor. Ella devia reunir-se ao Sol, como o povo que a precedia, nos aureos palacios luminosos.

— Eu te pediria, que me acompanhasses na terra ainda um momento, Inquill — disse, tremula, a voz desolada do indio. — Para te reunires ao Sol, pouco tempo falta, e ainda que ali nos encontremos, não preferias esperar aqui na terra, onde nos temos amado?... Não te dóe separar-te desta terra, em que deslisou tão breve o nosso amor?... Sem duvida, os palacios do Sol são mais bellos e maravilhosos do que a terra, porém não sei por que sinto uma tristeza mortal ao deixal-a.

E os seus olhos contemplavam humidos o vallezinho profundo e distante, cuja verdura dava uma nota de alegria áquelle campo de morte e de dor. Abaixo, no concavo fecundo, via-se serpentear como boa prateada o riacho brilhante, entre as moitas, não se ouvindo, porém, um canto de ave. Ali não havia senão duas almas e dois corpos, e nada mais do que elles accusava a vida, sobre a terra. Abraçados, caminharam uns passos por sobre a duna, por sobre aquella humanidade sepulta, ainda quente sob a tarde transparente e vaporosa. Porém, quando o Sol começou a declinar sobre o mar, Inquill olhou aos seus pés a sepultura aberta.

— Vamos — disse sem mirar o noivo.

— Vamos — repetiu como um éco Sumaj.

Então tirou da cintura um cantaro de terra cozida com as ephigies dos deuses patrios, dando de beber a Inquill persistia, e elle julgava perceber a sua voz sahindo creaturas e tornava doce a morte, e que elle conservara como a joia mais preciosa. A moça tomou a amarga bebida e desceu os degraus do sepulchro com solemnidade. Sumaj poz-lhe ao lado os apprestos da viagem. Sandalias finissimas, os vasos de *chicha* guardados especialmente por elle, as vestes pará abrigarem o seu corpo, o tributo para o Sol, dentro da mão.

— Já me vou, Sumaj, já me vou... — disse debilmente. — Beija-me...

De pé, os dois, as boccas de ambos se encontraram, num beijo longo, lento, mudo, solemne, até que a cabeça da joven se desprendeu dos seus labios como um fructa madura, e o seu corpo perdeu a força.

Quando Sumaj deu a ultima pá de terra sobre o corpo de Inquill, teve uma estranha sensação. Já não podia falar. Ninguem o escutaria. Então sentiu um impulso de enterrar-se a si mesmo. Como, porém, o conseguiria? Deitou-se sobre a tumba de Inquill, sua adorada, e chorou longamente. O Sol começava a cahir. Acometteu-o uma sensação que jamais experimentara. Pela primeira vez teve medo. Parecia-lhe que dos tumulos cerrados sahiam palavras e gemidos misturados ao rumor das ondas. Elle era o unico sobrevivente daquelle povo abandonado pela generosidade divina. Quiz abrir a sepultura onde encerrara a noiva, para se unir a ella, porém o temor de interromper-lhe o somno o deteve.

Nisso, olhou longamente o Sol.

Viu como, indifferente e rubro, elle se acercava das aguas, e como as sombras iam invadindo a montanha.

Uma dor, uma inquietação immensa e subita apossava-se delle. As coisas se lhe apresentavam transparentes, e não sentia o peso do corpo.

Recordou-se de que havia dois dias não tomava senão coca. Um torpor o invadia.

Poz-se de pé. Bandos de passaros brancos cruzaram o céo, para regiões que elle não podia imaginar e as suas idéas como as sombras começaram a confundir-se.

Uma lembrança tenaz, e saudade da sua amada Inquill persistia, e elle julgava perceber a sua voz sahindo da terra, a chamal-o.

O Sol occultou-se. Occorreu-lhe então a perfeita noção do seu abandono. O temor de viver sobre aquelles mortos feria-o fundamente.

Rompeu a chorar de novo, como uma criança, chamando o Sol. Insensivelmente, lançara-se sobre o sepulchro de Inquill, e cavava a terra, invocando em gritos a noiva. Porém ella agora não respondia. Seus pensamentos baralhavam-se.

Pareceu-lhe ver que do fundo do mar surgia uma luz e se apagava. Enormes sombras fantasticas desfilavam deante delle, mas ondas rugidoras. E elle se poz de pé, approximando-se inconsciente da praia. Já não se dava mais conta das coisas.

Inarticuladamente, começou a chorar e a proferir lamentos, chamando o Sol, até perder toda idéa connexa. Avançou entre as ondas, com passo torvo. Derrubaram-no as vagas, lutando frouxamente contra ellas.

Envolveram-no outras, e em breve apenas se ouviram palavras entrecortadas, que o retumbo das aguas afogava, emquanto se sumia no mar o corpo do ultimo *quechua*.

A lua pompeante ou azul sobre o povo sepulto, e uma ave branca cruzou em direcção do horizonte vago, sobre a luminosa estella, no ar tranquillo.

Vamos para o AMOR

PEÇA EM 7 QUADROS DE BRASIL GERSON

(Continuação)

Lisette

(Impressionada) Meu Deus! O que é que eu fiz? Não lhe fiz nada de mal...

A mulher

Queres que lhe fale?...

Lisette

Não. Falar-lhe-ei eu mesma... (Estendendo a mão ao coronel) Até já, meu amigo. Preciso respirar um pouco de ar puro...

Coronel

Irei acompanhal-a, Lisette. Esse bruto pode...

Lisette

(Interrompendo-o) Não. Fique. Elle não fará nada. Vou com a minha amiga, e dentro de meia hora estarei no hotel...

O homem

Viva o amor!

Coronel

(Que vae sahindo de muito mau humor) Viva!...

O homem

Quanto custa amar de graça! Mas tambem o homem que ama de graça a mulher paga por outro homem, vale por uma porção de homens...

SCENA XXXI

O HOMEM, O MALANDRO e MOACYR

Malandro

(Espiando e depois falando para traz) Póde entrar... Elles já foram...

Moacyr

(Que está evidentemente commovido) Foi uma loucura, Argentino!

Malandro

Bem se vê pelo seu sentimentalismo que o Sr. ainda é um estreante na arte do amor...

Moacyr

E agora? Que é que eu faço?

Malandro

Espere pelas consequencias...

Moacyr

E se acontecer uma tragedia?

Malandro

Acontecerá...

Moacyr

Mas o golpe tambem não poderá sahir errado?

Malandro

Pode sahir até erradissimo... Posso beber qualquer coisa no "cabaret?"

Moacyr

A' vontade...

Malandro

(Sentando-se) Sente-se...

Moacyr

Eu tambem vou beber...

Malandro

E' bom...

Moacyr

Se a cocaina não fosse tão vulgar, eu juro que tomaria agora cocaina...

Malandro

Que amor! (Em voz alta) Garçon! Whisky para dois!

SCENA XXXII

Os mesmos e UMA HESPANHOLA

Hespanhola

(Passa por junto a Moacyr felinamente, como procurando attrahil-o) Que calor, não acha?

Moacyr

Um pouco...

Hespanhola

Um passeio de automovel, seria o succo, hein?...

Moacyr

Não ha duvida, mas hoje não posso...

Hespanhola

Vamos?...

Moacyr

Não, hoje não.

Malandro

O rapaz está doente. Está de cabeça inchada...

Hespanhola

Somos dois, "mon amour". Eu tambem estou soffrendo...

Moacyr

Não percas o teu tempo. Vae á tua vida... Eu sou um homem perdido.

Hespanhola

E eu que sou? Uma mulher perdida... Faremos um lindo casal...

Malandro

E é que ella é bem bonita, o diabo.

Hespanhola

Infelizmente para mim. As mulheres bonitas sao sempre mais infelizes que as feias. (A Moacyr) Não gostas das louras, talvez? E eu hoje seria capaz de amar-te como nunca ninguem te soube amar...

Moacyr

E's uma sereia...

Hespanhola

Talvez...

Moacyr

Um demonio tentador...

Hespanhola

Tambem... Ou ainda um anjo que o céo te envia para minorar o teu soffrimento...

Malandro

Um anjo da meia noite...

Hespanhola

A providencia não dorme... nem tem horas.

Moacyr

E por que te deu essa mania de me conquistar?

Hespanhola

A affinidade do soffrimento. A nossa dor é a mesma. Tu és um soffredor como eu...

Moacyr

Não percas tempo commigo. Sou um prompto.

Hespanhola

Não te pedi nada, senão a tua camaradagem e a tua companhia para nos curarmos mutuamente. E se não tens dinheiro, tenho eu para nós dois... (Muito meiga) amo?

Moacyr

Como te chamas?

Hespanhola

Dolorosa, mas nesta vida uso um nome de guerra: — Lisette...

Moacyr

Inferno!...

Hespanhola

Não gostas desse nome?... Chama-me pelo outro, pelo verdadeiro. Será uma forma de me fazeres só tua. Lisette será o de todo o mundo, e Dolorosa será tua só, queres?

Moacyr

Lisette!

Hespanhola

Dizes de um modo esse nome!...

Malandro

Você tocou-lhe na ferida aberta.

Hespanhola

Ah! Chama-se Lisette a outra? (Rindo) Tem graça, tem muita graça, tem muita graça! Pois dentada de cão cura-se com o pello do proprio cão. Quem me déra encontrar esta noite um homem que se chamasse...

Malandro

(Interrompendo-a) Moacyr?...

Hespanhola

Quem lho disse?

Malandro

(Rindo muito) Ninguem. Adivinhei...

(Continúa no proximo numero)

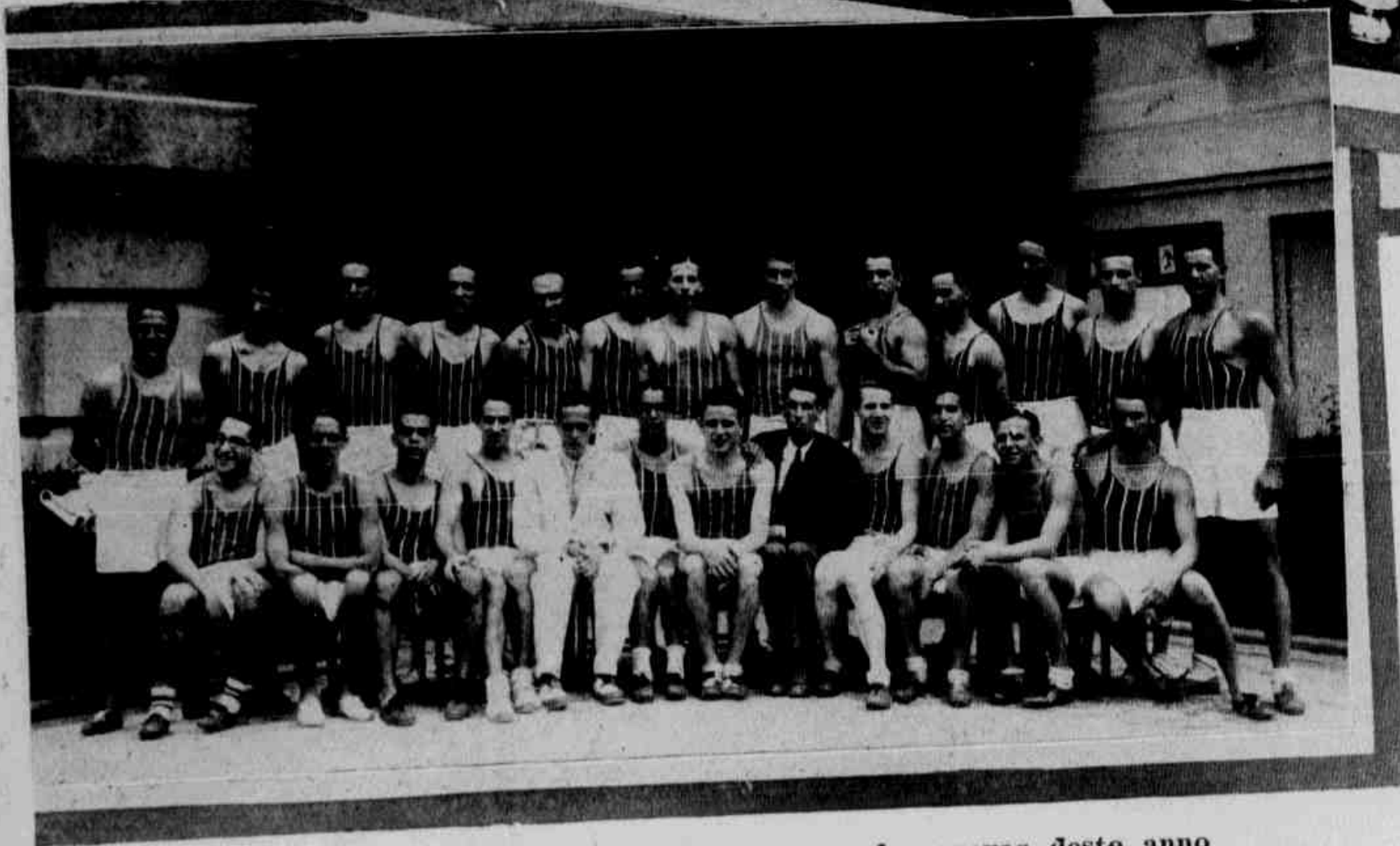
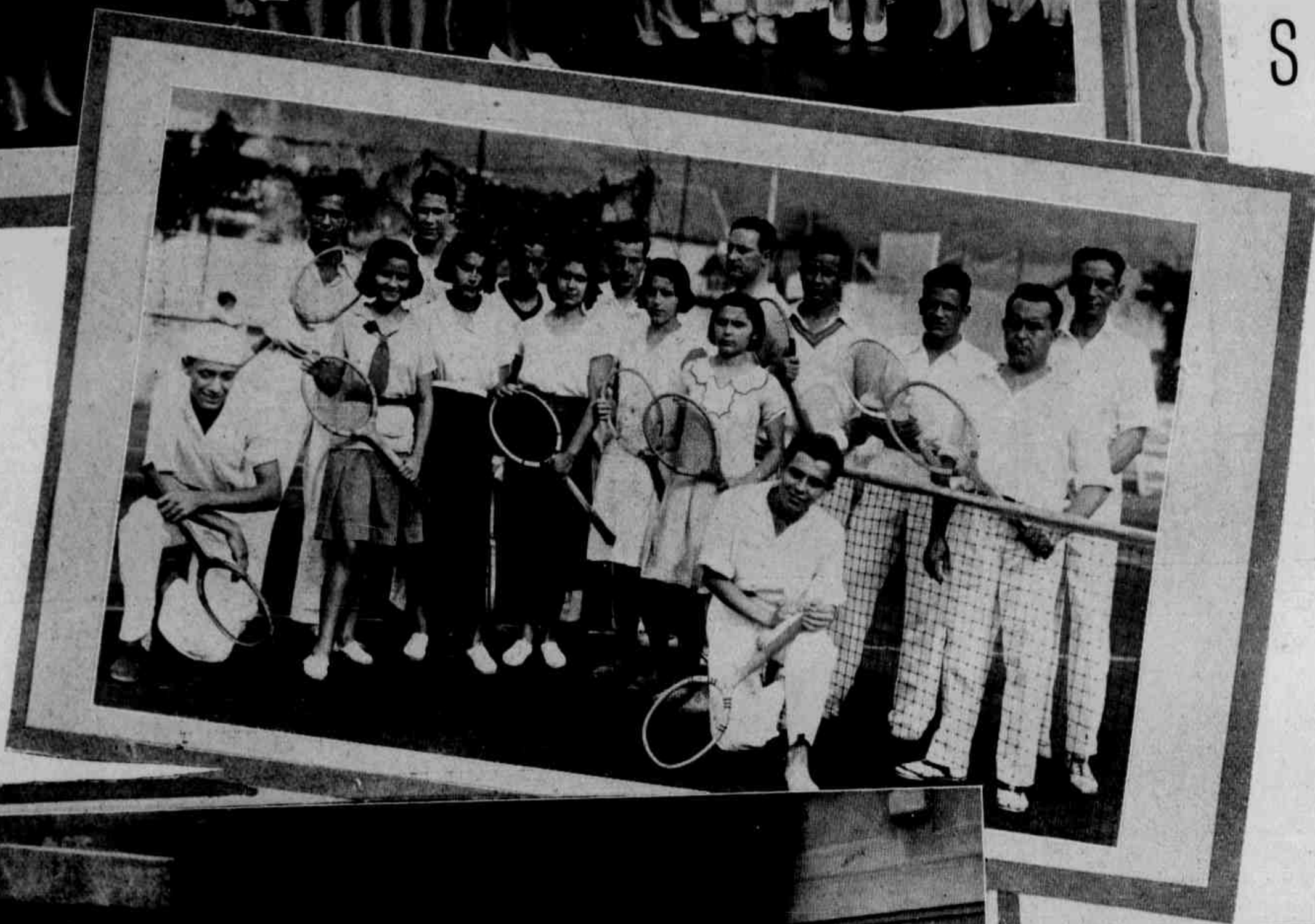
Os novos bachareis da nossa Universidade

Em cima: no chá dansante que realizaram no Beira-Mar Casino. Em baixo: depois da missa na Candelaria.

Inglaterra - Brasil

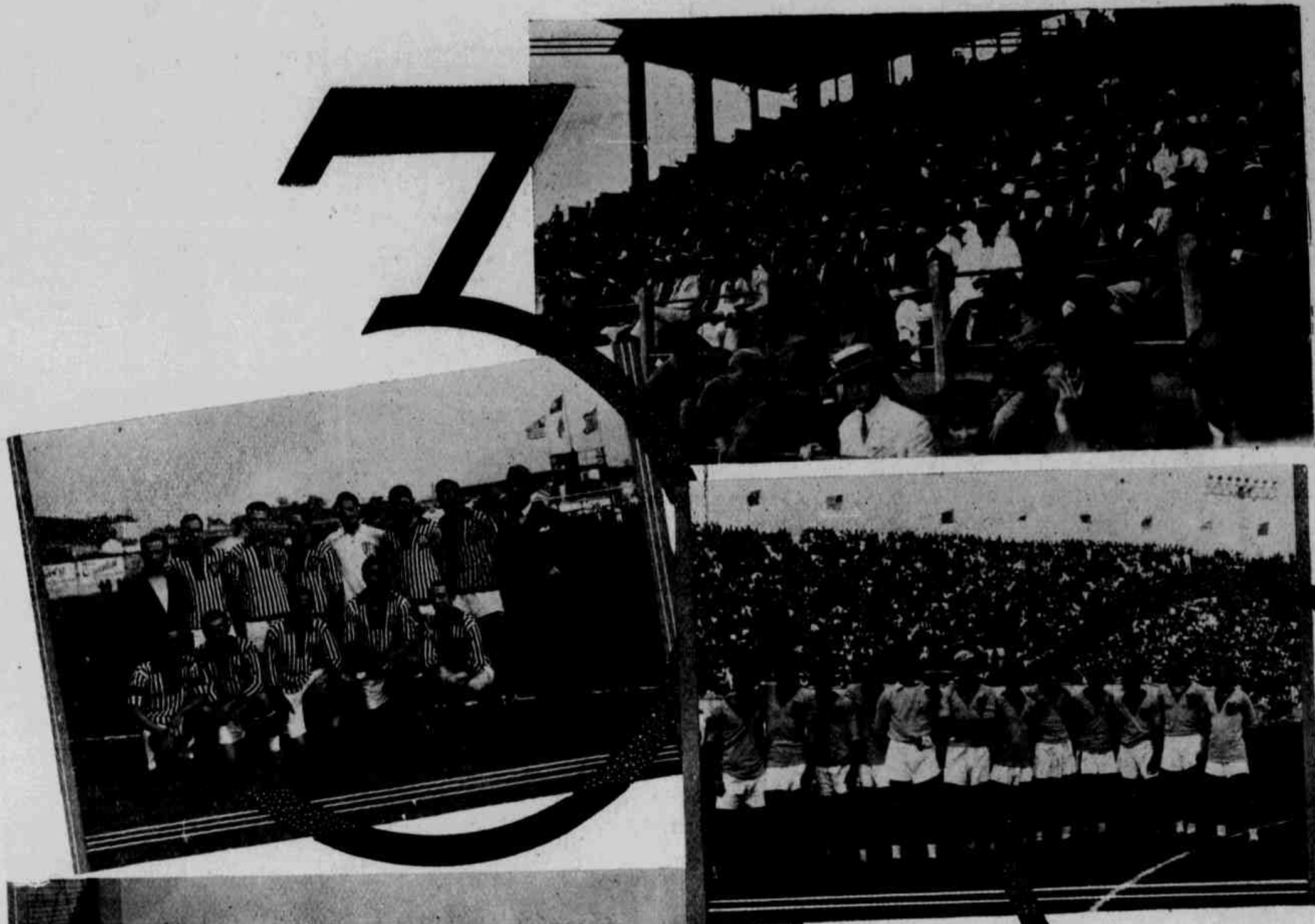
No Palacio Itamaraty os Srs. Afranio de Mello Franco, Ministro do Exterior, e Keeling, Encarregado de Negocios da Inglaterra, assignaram o accôrdo commercial entre a Grã-Bretanha e o Brasil.

CLUBS

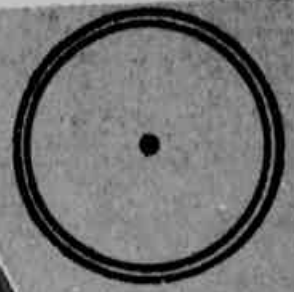
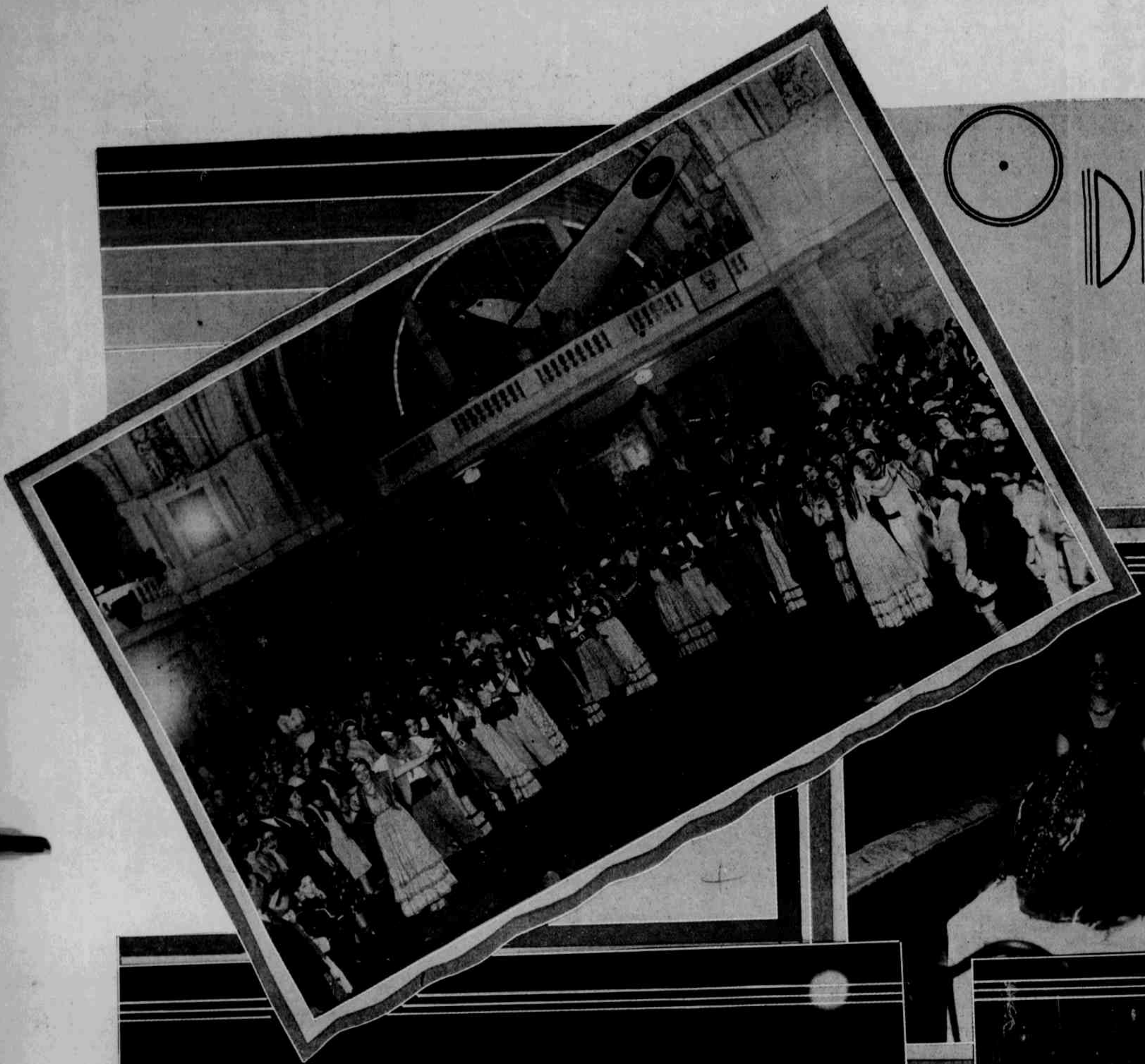
Athlétas do Fluminense F. C. vencedores das provas deste anno

Em cima:

no Atlantico Club

No meio:

no Grajahú Tennis Club

NO estadio de São Januario, domingo, quando foi o encontro dos Paulistas com os Cariocas numa sensacional partida de football.

PAULISTAS: Athié; Clodoaldo e Barthô; Rossi, Gogliardo e Alfredo; Luiz, Lara, Friedenreick, Feitiço e Siriri. Vencidos.

CARIOCAS: Velloso; Domingos e Hildegardo; Hermogenes, Martin e Ivan; Walter, Leonidas, Leite, Moacyr e Theophilo. Vencedores.

O "Pericon". A mesa do Presidente Getulio Vargas. Senhoritas que serviram as mesas. O churrasco e o chimarrão. Se

os...

...imarrio. Senhoras, senhoritas e senhores que dirigiram os serviços da Kermesse

Aranha, Bartlet sés Vellinho, Luiz Figueiredo, Moy-Junior, Adalberto Aranha, Barbosa Lima, Marques Couto, Machado da Costa, Luiz Vergara, Aristides Casado, Souza Chartim, Ulysses de Nonoahy. Serviram o chá as senhoritas Guillayn, Célia Flôres, Aida Vasconcellos, Marina Torres, Isolda Foeringes, Gonda Foeringes, Yára Tavares, Iracema Bernardi, Yeayey Rodrigues, Dagmar Leuzinger, Beatriz Reis Carvalho, Sára Ascoli, Maria Abreu, Zilda Fischer, Simone Lévy, Monica Hime, Maria José Lynch, Marina Ascoli, Heloysa Fiuza, Isah Isnard, Graziela Mendonça, Helena Mendonça, Placida Martins, Rosely Vianna, Marina Mascoso, Branca Dolabella, Yvonne Amaral, Zaira Ciancio, Carmen Tostes, Alicinha Portella, Alice Costa, F. Franscisca Maciel, Maria Malheiro Braga, Marietta de Souza, Didi Caillet, Andréa de Mello e Dyonisio Cerqueira. Um dos numeros de grande exito foi o "Pericon" dansado por estes pares: Alzira Vargas e Hermes Luzardo, Celia Fabricio e Enio de Oliveira, Maria Correia e Julo Bastian, Maria Casado e Nero Moura, Maria Crespo e Umbelino Vargas, Celeste Rocha e Paulo Becker Pinto, Marieta Azeredo e Alvaro Crespo de Oliveira, Yára Tavares e Luthero Vargas, Déa Maciel e Camara Fagundes, Jandyra Vargas e Baptista Magalhães, Yone Ribeiro e Alvaro Oliveira, Janyra Nononhay e Laeste Gonçalves.

FOI sabbado da outra semana, no Pavilhão das Festas, o primeiro dia em beneficio do Externato S. José, onde 450 crianças pobres recebem alimento e instrucção. O Dia do Rio Grande teve o patrocinio da Senhora Getulio Vargas com as Senhoras Oswaldo Aranha, Assis Brasil, Lindolfo Collor, João Neves da Fontoura, João Daudt de Oliveira, João Daudt Filho, Flanklin Sampaio, Lineu de Paula Machado, Piratinino de Almeida, Florencio de Abreu, Mario Kroeff, Enéas Martins, Amaro Campello, Raul Tavares, Mario Ribeiro, Tompson Flores, Valdomiro Lima, Tancredo Tostes, Delgado de Carvalho, Sá Rheingantz, Quina Monteiro, Miguel Tostes, Ismael Torres, Adalberto Correia, Mansueto Bernardi, Walter Sarmento, Souza

Namorada

NÃO sei se foi de saudade, não sei, é tão incongruente a natureza humana, certo é que perdi papae, homem duro, callado e affeito ás violencias da vida, pouco menos de dois mezes após ter visto morrer minha mãe, de morte dolorosa e repentina, quando, ainda moça e extremamente bella, acabava de voltar duma temporada de verão numa estação de aguas.

Quando se tem quinze annos, e eu ainda nem os tinha, golpes desses, se são rudes, pouco duram. Pensei em morrer tambem — como isto está distante!... — plenejei mil maneiras de suicidios, absorvia-me pelas chronicas policiaes dos jornaes, onde appareciam, diariamente, os mais absurdos meios, como se ellas fossem um figurino indispensavel para a minha escolha perfeita. Fugia para logares solitarios, ruas desertas, ladeiras desconhecidas, onde, no meio do matto ralo, quaximba, herva de S. Caetano, tiririca, sahiam pedaços de alicerces, o que restava de antigas casas derrocadas e que me enchia dum vago medo mysterioso, temendo vêr brotar dali as almas dos remotos moradores, homens sinistros, rigidos e barbudos, mulheres que foram martyres, escaveiradas e tenebrosas nos seus vestidos pretos, escravos cobertos de sangue, sangue vivo, vermelho e servil, que escorrera nos troncos aos chicotes do feitor. Perdia-me nas sombras do Jardim Zoologico, bambuaes que gemiam quando o vento soprava. Plantava-me junto ao cercado sujo dos jacarés, ficava largo tempo vendo-os amontoados, numa immobilidade de estatua, arquerosos, dormitando aos raios do sol, e sonhava mortes aventureiras nos sertões inhospitos da Africa, triturado nas mandibulas dum crocodilo, num pantanal de aguas venenosas.

Tia Bizuca, porém, que era minha madrinha e para casa de quem fui morar, com taes especiaes desvellos me tratou que fui abandonando, pouco a pouco, os meus tragicos projectos e cuidei só de viver, confesso, que a vida me parecia linda. Tinha quinze annos ahi. Tia Bizuca já passara dos quarenta, soffria da vista, levava uma vida sedentaria e era muito devota de N. S. do Carmo, que tinha rica imagem armada no melhor logar do oratorio, todo de vidro, no corredor.

Sendo viuva, sem filhos, e possuindo qualquer cousa de seu que lhe permittia viver em abundancia na casa propria da rua Barão do Bom Retiro (que ella chamava de chacara, pois o terreno era fundo e subia, cultivado, até o morro, onde havia um coqueiro) fazia absoluta questão de me trajar com apuro, guardando assim velhas convicções do tempo do commendados Ribeiro, meu avô, "que o páo se conhece pela casca".

Por seu eu esbelto e pallido, e como mantivesse um começo de buço, que não me ficava de todo mal, ao beijal-a para sahir — o que fazia invariavelmente, depois do jantar para voltas malandras, com o Oswaldo, pelos bilhares do bairro — obrigava-me a rodar na sua frente como um manequim giratorio, para receber a sua benção, especie de critica, sempre a mesma, maternal e boa: — estás um bijou.

Se para ella passava por um bijou, talvez fosse bem mais para a Dulce, que não era nem minha tia, nem minha madrinha, a magra e loura Dulce, que me punha olhos ternos da janella do 27.

Era um chalet baixo, o 27, com enfeites de madeira nos beiraes e bolas de vidro azul, caprichosamente espalhadas pela varanda, uma varanda tambem de madeira, quasi ao rez-do-chão, onde armavam rêdes preguiçosas, para gozar a viração do morro, nos domingos em que o calor se mostrava mais forte e as cigarras, sem parar, chiavam na mangueira de galhos protectores que assoberbava a casa modesta, o gallinheiro escondido, o jardim de ruazinhas humidas e limosas, o repuxo, secco, de cimento e de conchinhas.

Embora da minha idade, Dulce sabia parecer mais velha, guardando um ar recatado de senhora, quasi um ar de mulher vivida que declina.

Eu escrevia-lhe extensas cartas, de noite, em vez de estudar, e as entregava pela manhã, quando ia para a aula particular do dr. Macedo, que, de bigode pintado e pince-nez de aros pretos, me preparava para o vestibular da Faculdade de Direito, "muito difficil, pequeno, muito difficil, que é que você pensa?!"

Para que pensar? Titia é que, pensando por mim, queria-me advogado. Um sonho que formara, um sonho pratico, sobretudo. Haveria de tratar dos seus papeis — uma atrapalhada, meu filho, que nem sei a quantas anda! — e cuidar dos seus bens, que eram meus afinal, dizia. Dizia isto e ainda mais, a bondosa da minha tia: que quando chegasse ao terceiro anno, venderia a chacara e compraria um palacete em Botafogo (que tivesse escadaria de marmore era o detalhe) para eu poder entrar na sociedade, como convinha a um moço formado.

Dulce não respondia as minhas missivas. Dava-me, em troca, retratos e chromos, que eu collava prodigamente nos compendios de philosophia, os unicos que levava para a aula, para abril-os no bonde, com infantil e desculpavel pretenção; segredava-me promessas, cochichava esperanças: um dia, hein?!... Teriamos uma casa pequenina, igual ás que ella via no cinema, fachada de pedra rustica, com muitos abat-jours dentro e vellinhas accesas na hora do jantar de serviço á franceza. Quando eu voltasse do escriptorio, a pasta dos negocios debaixo do braço, haveria de me esperar com um peignoir azul, de arminho na gola e cauda arrastando pelos tapetes da entradinha. Eu não gostava: nada de peignoir! Um vestido sport, blaise, saia curta, sapatos de tennis. Ella accedia, mas achava que, ao menos pela manhã, o peignoir era indispensavel. — Tá bem... Assim para a manhã, vá lá...

Enchia-se de ciumes infundados que me lisonjeavam immenso, emprestrando-me um ar summamente agradavel de D. Juan, eu que não conhecia outra pequena que não ella. Contava, deixando os olhos rasgados fóra da vida, "que se tivesse um filhinho, haveria de chamar-se Fernando Luiz". Falava de amigas que se casaram muito moças e — pobres coitadas! — eram muitissimo infelizes. Uma até

A União Universitaria Feminina quando foi a homenagem á socia Doutora Maria Luiza Bittencourt

Um Conto de Marques Rebello

apanhava, "o marido era um barbaro, não prestava p'ra nada e ella tão engraçadinha, só você vendo". Outra, chamava-se Heloisa e morava no 21, tinha morrido de parto na espera do Anno Novo.

— Parto?!

— Parto, sim, ou você está pensando que eu sou alguma bocosó?

Não pensava, juro. Pensava nos seus braços finos e naturalmente vagarosos nos gestos. Pensava nas suas pernas grossas, um desaccordo notavel e provocante com o corpo debil, infantil, com uma cintura de borboleta. Pensava nos seus cabellos encacheados, que ella alisava com eleo de côco — "é moda, sabe? A Luizinha usa assim". Luizinha, a filha do dr. Neves, morava na esquina e era a chic da rua, a discutida, a invejada, o modelo de elegancia no quarteirão, a pequena que mais apparecia no "Beliscando", secção feita pelo pratico da pharmacia Minerva (onde o dr. dava consultas gratis á pobreza) no jornalzinho do bairro.

A quinta-feira amanhecera chuvosa. Veiu uma ameaça de sol lá pelas nove horas, mas o chovisco venceu-o e, penetrante e frio, varou o dia e entrou pela noite.

Foi com um tempo assim, desagradavel e feio, que, nos encontrando na matinée do Excelsior, eu que concebera o amor cousa tão facil e natural, que bastava duas creaturas se quequerem , para se comprehenderem completamente, recebi de Dulce a primeira revelação desconcertante.

E' o caso que, quando o leão da Metro bocejou para a platéa, ella, compondo o vestido de georgette, de sorte que não se amarrotasse, encostou-se ao meu hombro:

— Você um dia vae me esquecer, não vae?

— Que bobagem, bemzinho. Onde é que você foi buscar esta ideia? — e dando palmadinhas na mão abandonada: Eu gosto tanto de você.

— Tanto ou muito? perguntou arrastando as syllabas.

— Muito!

Collou-se a mim, gemeu em voz de criança:

— Meu amor.

Tive vontade de responder como um echo:

— Meu amor.

Mas a mim, que nas minhas cartas fazia apparecer estas duas palavras de quatro em quatro linhas, faltou-me coragem para dizel-as em viva voz. Senti-me encabulado. Fatalmente perderiam com o meu timbre a força da sinceridade, tal como nos theatros a gente ouve o galã exclamar: Eu te amo! — mas percebe que aquillo não foi dito com o tom da verdade, foi recitado porque estava na peça e nada mais. Positivamente eu não representava nenhuma peça. Sentia-me sincero. Justificava-me interiormente: Que toice! — E as palavras, no emtanto, sentia-as penduradas do meus labios, loucas para saltar. — Que tolice! insisti commigo mesmo. Ella me comprehenderá. Ella é mulher... (eram os romances que me fortaleciam). E os meus olhos não mentem. Os olhos, minhas attitudes... Fiquei mudo.

Dulce arrancou-se de mim e me gravou os olhos, séria, dum sério feroz e elevado. Esteve para dizer-me algumas palavras duras, certamente. A bocca tremia-lhe. Não disse. Veiu-lhe uma ternura, como que uma fraqueza que a fosse tomando, tomando devagar, tal um narcotico. A face perdeu as feições energicas. Amolleceu. Esboçou um sorriso triste, depois encostou-se novamente ao meu corpo, humilde, pequenina e suspirou:

— Ah! se eu fosse rica!...

— Que é isto?! — saltei da cadeira — Você não me comprehende?!

Fez um gesto de infinita superioridade:

— Comprehendo perfeitamente. Não sou tão ignorante assim! Mas talvez fosse mais feliz se não comprehendesse.

Atirei-me contra ella:

— Mas você...

Levantou-se: — Vamos! — Tambem estavamos no fim: na tela o cynico de casaca apanhava do mocinho. A gurizada urrava.

Na rua, os bondes passavam já illuminados, salpicando lama, quiz voltar ao assumpto:

— Dulce...

Teve um gesto de impaciencia:

— Não quero saber de nada.

— Mas...

Agitou-se toda:

— O melhor é nós acabarmos logo com isso tudo!

Não acabámos. Comprei-lhe uma santinha, uma peaquinha de ouro com o seu nome e um vidro de perfume. Dei-lhe tambem um album para poesias, acabando, perdulariamente, com o dinheiro da mesada. Ella copiou mais de cem sonetos com uma letra visivelmente floreada, os titulos em tinta roxa e deixou a primeira pagina em branco:

— Esta é para você escrever um senão eu devolvo o presente.

— Mas eu não sei fazer, eu não sou poeta!...

— Que não sabe o que! Deixe de fita. Você é tão intelligente.

Suei tres noites a fio e compuz o soneto: "Pensando em ti..." Achou-o muito bonito. Aquella imagem da saudade, então, era uma belleza! Eu sabia-o de cór.

Sua mãe, baixa e gorda, deitava olhares molles e protectores ás nossas conversas no portão. A vizinha da esquerda, d. Chiquinha Pacheco, (protestante) achava um escandalo, commentando-as com ferocidade. Bôas aquellas horas de assumptos miudos: intrigas da Rosinha, mentiras do Virósca, esperanças, esperanças... Raramente eram interrompidas pelo pae, homem grisalho e acabado, que apparecia de pyjama e me chamava de doutor.

— Desculpe os trajes, doutor, desculpe, mas é que sei que o doutor não é de cerimonias.

O bom homem, pelo menos, não gostava disso. Nunca fôra de salamareks e etiquetas, acreditasse. Tinha até raiva. Com elle era ali na simplicidade! Era franco: "quem não

Directores e artistas no estudio do Radio Club Fluminense, Nictheroy, no dia da primeira irradiação.

O casal José Chrisostomo da Rosa Faria — Sulina Amarante Faria no dia de suas bodas de prata.

No dia em que a "Ala Tudo pelo Antarctica", festejou a sua fundação.

gostasse..." E convidava para entrar: "casa de pobre..." Eu recusava, vermelhissimo. Elle, então, ficava no portão, cruzava as pernas com jovialidade e vinha um nunca mais se acabar de casos do seu tempo de rapaz (tocara violão) e de estudante. Falava de sellos, era entendido, colleccionava-os ha muitos annos. "Igual ao meu album de sellos do Brasil, — só do Brasil, veja bem! — não era para contar prosa, mas não vira outro. Valia um dinheirão!..." O Antunes... Não sei se doutor conhece o Antunes da Casa Philatelica? Não? Pois o Antunes sempre me diz: — Quando você quizer se desfazer, Rodrigues, já sabe!...

Com elle não havia silencio que durasse:

— Ah! meu tempo!... suspirava para enchel-o.

E relembrava logo os carnavaes passados. Ah! o ultimo que elle brincara solteiro... Nem era bom falar!... Fôra um pagode! — e gargalhava. Occorriam-lhe depois as encrencas do escriptorio, as piadas do "D. Quixote" — eram do Bastos Tigre, não precisava dizer mais nada! — e as doenças da filha que lhe trouxeram cabellos brancos, o dr. nem imagina!... Não é mesmo, filhota?...

Acariciava-lhe o queixo, pequeno e saliente, com a mão cabelluda e grossa, a unha do dedo mindinho propositalmente comprida para necessidade do seu officio. Ella deitava a cabeça no seu hombro, como se escondendo, e respondia que sim.

Depois de S. Pedro, quando, muito habilidoso, fez e soltou um balão gigante de mais de trinta gomos, com a fallencia da fabrica de calçados, de que era guarda-livros, seu Rodrigues achou-se sem emprego e até, murmuravam, meio compromettido.

Ficou visivelmente abatido, lembro-me bem. Emmagreceu, a barba crescia-lhe desleixadamente, fugia de me encontrar, não tinha mais hora certa de chegar em casa.

Um dia, levou a sua collecção de sellos para o Antunes, vendeu os poucos moveis que possuia, um piano entre elles, "o piano da Dulce", em que ella tocava valsas lentas no tombar das tardes calidas, e foi morar, por favor, em casa de um irmão, funccionario dos Correios, nos confins do Riachuelo.

D. Zulmira tinha um traço caracteristico que a marcava: a conformação. Todo e qualquer desastre que acontecesse parecia-lhe pouco. Balançou os hombros (os seios gastos se saccudiram): "Podia ser peor". Inflexionava esperanças na voz de dentes postiços: Um dia se concerta a viola. Se não concertar, paciencia...

Era muito religiosa, mas não ia á missa porque não tinha tempo. Ia ao mez de Maria, ás vezes, nas noites melhores, — maio é tão frio e o seu rheumatismo não dormia — com um vestido de *voile* estampado, um *chale* preto agazalhando-lhe a cabeça e o pescoço, pelo braço da filha, que ouvia piadas dos rapazes ao atravessar o jardim.

No dia da mudança — o azul do céo abysmava — foi se despedir de titia, se bem que nunca tivesse trocado visitas, simples amisade de cumprimentos. Transparecia-lhe das palavras um certo tom de sinceridade e amargura que não lhe conhecera até então. Accentuou, assim por alto, alguns planos do marido: "Vamos vêr se dá certo!..." — e me offereceu muito a casa:

— Não é minha, mas é como se fosse. Appareça. Olhe que Dulcinha gosta muito do senhor!

Minha tia sorriu por cima dos oculos, D. Zulmira lançou qualquer piada batida sobre a ingratidão, mas eu já não ouvia. Chegara-me para a Dulce, que se mostrava succumbida, fingindo apreciar o espelho venesiano da nossa sala de visitas, toda dourada, onde, na verdade, ella nunca entrara.

Requebrou-se toda:

— Você se lembra?

— Como poderia esquecer?

Ella me mostrava, da janella avarandada onde nos refugiaramos, o capinzal, ponto dos nossos primeiros encontros. Não diziamos palavra... Recapitulavamos o passado: lá estava elle, o capinzal dos nossos amores! Ali conversamos pelas primeiras vezes, eu confuso, misturando interrogações perfeitamente idiotas, me contradizendo a todo instante, pueril e sem graça, ella mais calma, mais reflectida, procurando manter ás nossas entrevistas num certo pé de naturalidade, que de mim não podería vir. De vespera ensaiava repetidamente phrases e perguntas que nunca conseguia desembuxar ao chegar o momento, o momento fugaz, quando ella, de saia azul-marinho e blusa branca, voltava com o chapéo de panno na mão, da Escola Modelo.

Rompi o silencio:

— E você se lembra, depois, daquelle dia que eu...

— Já sei: pediu um beijo.

—E'.

— E eu dei? — riu.

— Não.

— Você já tinha ficado pirata, hein?

— Eu?!

Pirata! Senti-me deliciosamente lisongeado. Pirata! Quiz prolongar a sensação:

— E me dá hoje?

— Não.

— Jura?

— Não! — e chegava-se para mim, de mãos para traz, a bocca que era um sonho, uma amora, um...

Titia tossiu e nos amedrontamos, maldita bronchite! O sol se encobria, já passava das quatro. O lado impar da rua era só sombra. D. Zulmira se levantou.

Na despedida do portão, Dulce apertou-me a mão com calor — que calor! — um calor que jámais tivera. Demoradamente deixou cahir, dentro dos meus, seus olhos claros e amendoados, vermelhos de lagrimas que não queriam rebentar. Desejou-me felicidades a sorrir, "que estudasse muito para não ficar um advogado burro".

Levei-as, carregadas de embrulhos, até ao bonde, prometti que no primeiro domingo, sem falta...

— Olhe, lá!...

— Vão vêr.

Disseram adeus quando o vehiculo partiu, rangendo, pelos trilhos que se extendiam. A escola publica despejava crianças em alarido. Senti-me só no meio da rua. O bonde continuava; parou, tornou a rodar, meninos tomaram-lhe a trazeira, o conductor enxotava-os, elles saltavam em vaias, e o bonde, verde, ia ficando menor na distancia arborisada. Mais uma esquina e desappareceria. Senti-me tremendamente só. Desconhecia as casas. Olhava: não comprehendia. Onde estou?! Os meninos gritavam, gritavam mais alto, mais. Senti que tudo gritava e quiz gritar tambem: Dulce! Dulce!

Mas passou o primeiro domingo, o segundo, o terceiro, todos os domingos e eu nunca mais vi a minha primeira namorada.

MARQUES REBELLO

A PRECE DO MENINO ABANDONADO

MENINO:

— Por uma circumstancia que ignoro, fui lançado num rio e abandonado á minha sorte como um animal inutil. Por isso necessito de tudo.

Tu tens paes, irmãos e amigos que te querem e escutam os teus pedidos e até teus caprichos. Eu não conheço minha familia.

Tu tens livros e brinquedos. Eu os vejo apenas nas vitrinas.

Tu tens casa confortavel e cama carinhosa. Minha pobreza é tão grande que durmo na soleira de uma porta.

Tu tens roupas limpas, adequadas ao tempo. Eu vou coberto de andrajos.

Teus paes zelam pela tua educação para que sejas amanhã um cavalheiro respeitado. Meus mestres são outros desgraçados como eu que me ensinam o que elles aprenderam na escola da depravação e do vicio.

Tu, com pouco esforço, seguirás, sendo feliz, pois tudo contribue para isso. Meu destino conduz-me a outro caminho. Eu serei um desgraçado pária da sociedade.

E, sobretudo, menino, tens mãe, cujo nome santo te orgulha tanto.

Eu não conheço a minha.

Considera a differença que existe entre nós dois.

Pensa, entretanto, que não sou eu o culpado da desgraça em que me encontro.

Tu podes contribuir para minha redempção de muitos modos, pois eu prefiro o lar e a officina á vida errante de vicio e ocio, e me quero redimir pelo trabalho.

A teu nobre coração dirijo minha prece e se de alguma maneira generosa contribues para minha regeneracão, que Deus te bemdiga!

HILARIO SANZ

DOIS POEMAS DE PAULO TORRES

INTVIÇÃO

Papae,
por que será que os outros homens dormem em casa
e aquelle homem de barba grande
dorme no banco do jardim?
Papae,
por que será que elle não vae dormir em casa delle?

ORGANISAÇÃO

Os filhos do preso
da penitenciaria
estão cumprindo pena de morte nas ruas.

CONVERSA DE SAM JOE

— Mamãe, esta semana eu estive bem comportado, não foi?

— Foi, sim. Você esteve um amor de filho.

— Agóra mamãe tem confiança em mim, não tem?

— De certo.

— Mas confiança mesmo, confiança de verdade?

— Sim. Pois a mamãe não ha de ter confiança no seu filhinho?

— E' ?...

— E' !

— Então diz: onde é que você escondeu os doces.

A Exposição Colonial de Paris inspirou os costureiros na confecção dos novos pyjamas de praia e em tudo que os guarnece e acompanha. Os passeios no parque de Vincennes, as visitas aos pavilhões cheios de coisas tão extranhas e tão diversas, impregnaram-lhes os olhos de uma fantasia e de um exotismo imprevistos. E onde poderiam applicar melhor tudo aquillo que viam e que merecia ser aproveitado, pela espontaneidade da arte, do que nos trajos que apparecem sobre as areias douradas, debaixo do sol?

Lenços de Java foram transformados em pittorescos gorros, com uma ponta na frente, exactamente como certos chapéos creados por Drags. De Madagascar trouxeram os cintos de palha trançada em varias cores e as sandalias cujo desenho fórma uma flor com petalas vermelhas, verdes e prrtas. Do templo de Augkor as largas pulseiras de prata trabalhada. De Camerou os enormes chapéus com as copas bordadas

Moda

em tons diversos, excellentes para evitar a grande força do sol. De Tahití os colares de palha onde as flores desabrocham e os de conchas rosadas e arroxeadas, grossos, redondos. Esses colares de conchas são aliás um encantador passa-tempo para o verão, em vez dos eternos bordados. Da Indochina, a fórma de certos casacos. As pesadas pulseiras de marfim branco e castanho da Africa.

E com isso tudo as praias este anno vão ficar mais lindas do que nunca. Tudo que é excentrico, tudo que é berrante a moda permitte e aconselha para acompanhar os pyjamas de shantung. Porque, não é preciso dizer, os pyjamas são sempre de shantung.

Estas paginas mostram além dos mais modernos pyjamas com os competentes chapéos, collares, pulseiras, cintos, sandalias, algumas roupas de banho, tudo assignado pelos maiores nomes de Paris.

historia de Pené

desenho de helio

Os olhos de geisha parados e suaves como um romance sentimental.

Os cabellos brilhantes e macios como um pedaço de velludo cor de lua.

A bocca parecia um coração estylizado.

Ella veio de Paris em uma caixa muito bonita, toda pintada de azul.

Os dedinhos muito compridos e muito finos colados ao vestido cor de cinza.

O seu corpinho esguio ficava todo desenhado naquelle vestido cor de penumbra.

A expressão era sempre a mesma. Tão bonita.

O "boudoir" tinha a elegancia da "garçonniere" de um snob. E tinha mais luz e era muito mais alegre do que a caixinha azul em que ella morava na casa de modas.

Em volta havia uma porção de moveis. Muitas almofadas coloridas. Outras bonecas.

Em frente, tombado no "mapple" um Pierrot, com a cara toda manchada de giz, tinha os olhos immersos nos seus olhos.

Ella fixou os olhos meigos nos olhos tristes do Pierrot infeliz.

A physionomia angulada de soffrimento fazia nascer em sua alma de boneca, um sentimento de enorme compaixão.

Qual seria a historia daquelle Pierrot enamorado? Não se sabe.

Talvez a mesma historia de todos os Pierrots que nasceram bonecos. Tristes bonecos decorativos.

Uma parada de estrellas.

A lua tomando banho no lago.

Elle.

Ella.

Estavam tão unidos que os vagalumes de vez em quando accendiam as lanterninhas verdes para verem se era uma pessoa só.

Perto da amurada elles pararam. Parece que fallavam. Depois foram mil beijos de amor.

Os remos afundaram. O barco riscou o manto prateado das aguas.

Da outra margem vinha vindo uma voz sonora e leve como o vôo das gaivotas.

Columbina cerrou os olhos. Sonhava.

Os remos pararam de ferir a agua.

Pierrot parecia, tambem, sonhar.

Quando a "hawainne" gemeu a ultima nota a voz mysteriosa parou de cantar.

Arlequim bello e perfeito como uma esculptura chegou-se á beira do lago perfumado.

Os seus olhos pareciam envolver todo o corpinho pequenino de Columbina.

Ella cerrou mais os cilios com um sorriso.

Pierrot tinha a expressão dos que soffrem.

A boneca que viera da casa de modas estava ainda pensando no romance do Pierrot manchado de giz, quando uma moça muito alva e muito loura entrou no "boudoir".

Pierrot olhava enamorado para uns olhos de geisha, parados e suaves como um romance sentimental.

A moça dos cabellos dourados sorriu para a boneca vestida de "gris perle". Tão bonita.

Depois tomou Pierrot nos braços. Levou-o.

Quando Pierrot sentiu fugirem os olhos obliquos e alongados da boneca, esguia e morena como a fumaça de um "Ardhat", ficou triste como tão triste elle nunca ficara.

A boneca continuou olhando o "mapple" vazio, onde já não estava mais um Pierrot triste, todo manchado de giz que olhava enamorado para dentro dos seus olhos.

film que a Paramount vae apresentar, desde 28 deste mez, nos cinemas Capitolio e Imperio. Marlene Dietrich volta differente e ella mesma: a mulher, toda a mulher. Victor Mc Laglen e Barry Norton são seus companheiros.

A artista maravilhosa
e duas scenas do film que vae
levar a cidade inteira ás salas da Paramount.

p a n o

Medalhas Illustrações Cartazes

ADALBERTO Mattos inaugura hoje, ás 3 horas da tarde, no edificio do Lycêo de Artes e Officios, uma interessante exposição. O nome do artista é bem conhecido. A sua "fé de officio" é bonita. Natural do Estado do Rio de Janeiro. Antigo alumno do Lycêo de Artes e Officios e Escola Nacional de Bellas Artes. Premiado nos Salões Officiaes de Bellas Artes com Menção Honrosa de 2º gráo em 1907; Menção Honrosa de 1º gráo em 1908; Premio de Viagem á Europa em 1909; Grande Medalha de Prata em 1912; Pequena Medalha de ouro em 1913; Grande Medalha de ouro em 1926. Hors Concours nos Salões Officiaes de Bellas Artes. Professor do Lycêo de Artes e Officios; Membro effectivo do antigo Conselho Superior de Bellas Artes e Conselho Deliberativo da Sociedade Propagadora das Bellas Artes. Membro da Academia Fluminense de Letras. Atelier: Lycêo de Artes e Officios.

A dansa

As menores alumnas de Klara Korte que tomaram parte na linda festa do dia 12 no Theatro João Caetano.

A musica

CEIÇÃO de Barros Barreto, artista admiravel, harmonisou e recolheu num album uma chusma de cantigas de róda. Deu-lhes este titulo: "Cantigas de quando eu era pequenina". Correia Dias fez as illustrações. Olegario Marianno escreveu este prefacio:

"Quem procure recordar pela imaginação ou pela saudade o sabor do Passado, atravéz das suas tradições mais amadas e das suas lendas mais puras, encontra como suprema conquista da intelligencia humana, — a musica, expressão que deu rythmo á vida sentimental de todos os povos, em todas as edades. Foi ella, sem duvida, um alto factor na educação da sensibilidade humana.

No coração da criança, mal formado ainda, ella depositou a primeira gotta de orvalho da primeira emoção, o primeiro beijo de doçura christan, a primeira lagrima de tristeza. E tão fundo penetrou essas almas virgens de sonhos, e tantas raizes creou lá dentro, que, annos e annos decorridos em vicissitudes ou bem aventuranças de vida, a criança de hontem que é o homem de hoje, póde haver olvidado os episodios maiores da existencia, mas não esqueceu nem esquecerá até que baixe o crepusculo, as cantigas de róda que cantou e dansou quando menino.

São essas migalhas de ventura alheia que Ceição de Barros Barreto tirou da arca da memoria para entornar nas mãos das crianças da nossa terra.

"Cantigas de quando eu era pequenina" são contas de um rosario que todas as creaturas de Deus devem desfiar cantando, umas na alegria inconsciente do momento que passa, outras na pungente recordação do tempo que passou como uma cantiga, cuja resonancia ainda perdura á flor dos labios e á flor das almas".

As formigas

CADA uma dellas parece o numero 3. Como ha formigas! Chi! Como ha formigas!

Ha 3333333333333333... até ao infinito.

Jules Renard

Os livros

Paulo Gustavo acaba de publicar: "Por amor ao meu amor", poema.

Leão de Vasconcellos publicou "Canto novo do meu amor", poema.

Mario Villalva publicou "Fagundes Varella", estudo.

r a m a

O theatro

Spinelly

QUANDO esteve aqui, o anno passado, Spinelly conversava com alegria sobre os autores nóvos. Uma noite, depois de "Le Dompteur", de Alfred Savoir, ella disse que o theatro tinha passado por uma grande transformação. Para fazer successo, as peças de hoje têm que ter originalidade de pensamento, phrases de espirito, acção muito sóbria. O dialogo é tudo no theatro moderno. Pagnol, Bourdet, Giraudoux, os autores mais admirados de Spinelly. O theatro classico caceteia. Os dramas de these e de estudos psychologicos enjoam. O "vaudeville" cahiu inteiramente. Está claro que a querida artista falava do theatro em Paris. A dedeclaração da quéda do "vaudeville" foi o motivo desta pequena lembrança. E' que no Theatro Casino está annunciada uma "Companhia de Vaudevilles brejeiros, genero da Spinelly" (assim mesmo). Com certeza o genero não vae ser bem o "da Spinelly". Vae ser como aquella corrente da anecdota: "ás vezes"...

Pedaços

(de uma comedia inédita que provavelmente ficará inédita).

Personagens: Um homem triste. Um diabo.
Ha outros.
(No carnaval).

Hoje, o Diabo é assim como vê: banal...

— Como uma mulher?

— Não chego a tanto; como um homem.

—

— Fui honesto. Mas depois deixei.

— Cansou?

— Não. Vi que os outros não reparavam...

—

Só ha um qualificativo insultuoso para as mulheres: *mulher*.

—

A dansarina (ao palhaço):
Você não tem graça nenhuma!
O palhaço (á dansarina):
Pois é! Eu sou um palhaço!...

—

— E' um grande escriptor. Sua ultima obra foi o maior successo de livraria destes ultimos annos no Brasil.

— Sim?

— E'. Venderam-se 20 exemplares. Elle, porém, teve o cuidado de offerecer os 9.980 restantes a todos os seus amigos com dedicatorias captivantes. Um grande escriptor!

—

Capitalista gorado, advogado frustado, jornalista malogrado: eis o que sou. E não quero ser nada mais...

—

— Quem és?
— Uma mascarada.
— De onde vens?
— Que te importa?
— E o que desejas?
— Viver.
— E' pouca coisa. Geralmente, as mulheres querem mais.
— Para viver...

—

No Inferno não ha mais nada, depois da Revolução. Os antigos chefes perderam o prestigio. Os diabos são melancolicos e impotentes. O proprio Mefistofeles do "Fausto", já era uma caricatura. E um dos seus escriptores, Leonidas Andreiw, zombou amargamente de um pobre Diabo Velho que se humanizou.

E vocês é que perdem com isso. Destruindo a legenda terrivel e heroica de Satanaz, é um sonho a menos que vocês têm.

— Os homens pretendem conquistar o Inferno.

— Seria uma covardia. Nós não podemos lutar com vocês. Esse delirio imperialista do Homem é a coisa mais irritante do mundo. Mas eu acho que o Céo está mais ameaçado do que nós...

— O Céo não nos interessa.

— Pois olhe. E' mais divertido.

—

Nasci. Cresci. Fiquei homem. Amanhã, envelhecerei. Depois, hei de morrer... Eis em que eu me pareço exactamente com o meu criado.

—

Todos os deuses se parecem num ponto: no humorismo.

—

O FINAL:

O Diabo:
Eras triste.
Eu era a alegria zombeteira, a ironia irreverente. A graça eterna.
Déste-me a tua tristeza, a tua neurasthenia, o teu tédio.
Estou doente.
Vou me recolher a um convento, reconciliado com a Igreja. Vamos?

O homem triste
(com a incoherencia de todos os homens):
Não posso. Não vês que hoje é carnaval? — Vou me divertir...

LUIZ MARTINS

A conferencia

NO Salão Nicolas, a joven escriptora paulista Maria Xavier da Silveira, que é tambem bacharel em Direito, fez, ha dias, uma conferencia sobre "As Estrellas". Faz, hoje, no mesmo logar, ás cinco horas da tarde, outra conferencia: sobre "O Dinheiro". As predilecções da Dra. Maria pelas coisas que a gente vê de longe tornam as suas palestras encantadoras como historias de fadas, contos de um mundo que fica além muito além dos nossos cinco sentidos promptos e melancolicos...

Os discos

Ada Macaggi. Faz versos. Faz musica. Diz os versos. Canta a musica. Gravou "Bêra-rio" e "Noiva fié", cantigas della mesma por ella mesma, com a sua vóz do Paraná.

Em baixo: Maria Lima Carneiro com Heitor Kastrup

Em cima: Hermezilia Medeiros com Murillo Soares Botelho

Casamentos

Em baixo, á esquerda: Maximinia Corrêa com Alvaro Francisco Corrêa

Em cima: Helena de Oliveira Amorim com Carlos Manhãs de Andrade

Anna Gianini com João Miranda

A *pasta „Odol“* torna os dentes alvos, sem atacar o esmalte e impede a formação das pedras (tartaro).

O *liquido „Odol“* penetra em todos os intersticios dos dentes, embebe de substancias desinfectantes os residuos ahi retidos, impedindo a sua decomposição e, deste modo, combate a causa da carie.

Graphologia

AVISO

Temos inutilizado innumeras cartas, umas escriptas em papel pautado, outras não assignadas com o nome legal, e outras finalmente a lapis.

Fazemos este aviso para que os consulentes não percam mais tempo esperando respostas, e tratem de enviar outros pedidos regularmente assignados em papel liso. O pseudonymo só é permittido para respostas.

DASINHA (RIO) — Como já tenho dito a diversas das gentis consulentes, o "proximo numero do **Para todos...**" está já sempre prompto quando recebo as cartas pedindo respostas nesse "proximo numero", pois a revista é feita com grande antecedencia.

Aqui vae o que li na sua graphia: bondade, candura, boa-fé, inexperiencia, credulidade. Um pouquinho de espirito de vingança, apesar de tudo, não a procurando por suas proprias mãos, porém regosijando-se quando "ella" vem ao encontro dos seus desejos. Senso artistico, amor ao Bello e á Natureza.

ARLEQUIM (Rio) — Devia ter escripto a tinta e sobre papel sem pauta para se fazer o estudo que pede. Quanto aos desenhos a que se refere devem ser feitos com tinta nankin sobre papel bem claro; de preferencia cartolina.

GARDENIA CONSUELO (Bahia) — Originalidade, espirito excentrico, com preoccupação de ser unico. Sentidos um tanto exaltados, teimosia, franqueza rude. A maneira de cortar os tt é uma prova do seu temperamento original. Muito fina, susceptivel de se melindrar. Grande alegria de viver, iniciativa propria, confiança em si mesma.

MME. TRISTONHA (Jahú) — Temperamento variavel, inconstante, cheio de inquietação e desasocego. Nervosismo, pressa, curiosidade. E' vaidosa, amiga do luxo e do conforto. A maneira de graphar o til e cortar os tt indica que liga pouco caso ao juizo que possam fazer de sua pessoa, desde que se sinta bem com sua consciencia.

E' decidida, altiva, independente. No momento de escrever estava sob uma impressão forte. Alta tensão nervosa.

APOLO (?) — Graphia de pessoa laconica, simples, com bastante poder de logica, deducção clara e concatenação de idéas. Tem resoluções promptas e accertadas. Um tanto impulsiva, impetuosa mesmo, egoista, o que pode ser levado á conta de ciumes...

FREYA (Rio) — Letra grande de pessoa franca, generosa, cheia de nobres ideaes, altas aspirações e um tanto orgulhosa tambem, sem mesmo dar por isso. Como todas as graciosas filhas de Eva é caprichosa, com alguma teimosia quando deseja al-

cançar qualquer cousa. Intelligente, estudiosa, muito elegante e com natural coquetteria.

CARLOS DE AMITA (Rio Grande do Sul — Porto Alegre) — Sua graphia é de pessoa desordenada, inconstante, despreoccupada, com alguma intelligencia, porém, pouco cultivo intellectual. Muito affectivo, dedicado, porém pouco fiel ás amisades. Falta-lhe o senso da medida, a ponderação, a calma. Espirito maleavel, deixa-se levar por opiniões alheias, sem menor exame.

IZA (S. PAULO) — A irregularidade a que se refere não quer dizer falta de caracter, como sua mestra julgava. Trata-se de um caracter variavel, inconstante, cheia de incoherencias, difficil de ser comprehendido. A propria Iza muitas vezes ficará indecisa sobre o que deseja. E' uma insatisfeita, vivendo sempre em busca de um ideal inattingido, em perpetua ansia de perfeição.

ZAZA' (Recife) — Sua graphia revela uma creatura bondosa, um tanto dissimulada, com bastante energia, força de vontade, animosa, cheia de esperanças e de illusões. Tem senso artistico, espirito fantasista, imaginação fertil e poderosa.

Seguiu carta para o endereço enviado.

TRISTÃO DE ISOLDA

De Max Jacole

A intelligencia é a possibilidade das idéias geraes e da confrontação de todos.

O entendimento é a descida da idéia em nós com o que se mistura nella de sensibilidade; é o que dá a convicção e a força.

O bom senso é o instincto do verdadeiro.

O discernimento é a applicação consciente desse instincto.

DOS OUTROS

A arte de ser feliz é a arte de ignorar... Si pudessemos não saber nada... Mas é mais forte do que nós, precisamos saber. O homem só différe do animal numa cousa: é que o homem inventou o ponto de interrogação... **Georges-Armand Masson**

AS coisas sempre se arranjam! Sim, mas de outro geito... — **Paul Morand**

O caso é frequente na historia dos povos. Os mediocres tratam os homens direitos de idiotas e intitulam-se homens direitos porque são mediocres. Entre os tolos e os canalhas, Machiavel não hesitava: preferia os canalhas... — **Giuseppe Prezzolini**

O caminho mais curto para um homem encontrar-se a si mesmo, dá a volta do mundo. — **Herman Keyserling**

A humildade é a pedra de toque das virtudes christãs: em nos ella faltando conservamos quantos defeitos temos; rebuça-os o amor proprio e os enobrece a nossos olhos, e aos dos outros... — **La Rochefoucauld**

✣ ✣

Quando nossos Antepassados caçaram os Mamutes...

A natureza, mãe piedosa e pura, como a denominou o poeta, é mera imagem litteraria. A natureza, ao contrario, é madrasta. É aspera. É brutal. Só o forte a subjuga e a applaca. E os que não a vencem são vencidos por ella.

O homem pre-historico combatia-a sósinho, servido apenas pelo seu vigor physico, que se robustecia na lucta.

O homem moderno vence-a com as armas poderosas do seu engenho mecanico. A vida organica do homem moderno, porém, - no manejo facil de seus apparelhos ou no exercicio da intelligencia - pouco ou quasi nada solicita da actividade muscular. Por isto o organismo do homem moderno necessita de um agente tonico exterior que o estimule e o retempere, substituindo para o corpo - conservado physiologicamente invariavel atravez das edades, - a fonte de vigor que era a acção para um antigo caçador de mamute.

E o agente tonico, por excellencia, é o Nutrion, o melhor fortificante conhecido, que combate o fastio, retempera os musculos e dá equilibrio ao systhema nervoso.

MOVEIS, TAPEÇARIAS
E
DECORAÇÕES EM GERAL
CASA NUNES
MARCA REGISTRADA
65 — RUA DA CARIOCA — 67 — RIO